

António Ribeiro Sanches

Método para aprender e estudar a Medicina

**Universidade da Beira Interior
Covilhã – Portugal
2003**

Conteúdo

Introdução ao Método de estudar e aprender a Medicina	1
Qualidades necessárias para aprender a Medicina	2
Do Colégio da Filosofia; um dos três de que constaria a Universidade Real	3
Da História, da Geografia e da Cronologia	4
Dos Estudos Filosóficos que devem preceder a Medicina e a Jurisprudência . . .	6
Do Estudo das Matemáticas Elementares	6
Da Filosofia Racional	8
Do Estudo da Dialéctica e da Lógica	8
Da Filosofia Moral	10
Se a Filosofia Moral deve preceder a Jurisprudência e a Medicina?	11
Do Estudo da Física geral e da experimental	12
Do Estudo das Humanidades, da Antiguidade Grega e Romana	12
Do Estudo da Medicina	14
I	15
II– Dos Lentes do Colégio de Medicina	15
Se os Estudantes de Medicina deveriam frequentar o Hospital desde que entras- sem a aprender esta Ciência?	17
Do Estudo da Cirurgia Prática neste Hospital da Universidade	19
Do Estudo da Anatomia	20
Do Estudo da Cirurgia no Hospital	21
Do Estudo da Química	22
Do Estudo da História da Medicina	23
Continua a mesma Matéria	24
Do Estudo dos Aforismos de Boerhaave	26
Do artifício com que estão compostos os Aforismos de Boerhaave: E da razão que têm todos os Médicos de preferirem este livro a todos da Arte Médica . . .	26
Continua a mesma Matéria	27
Conhecimentos indubitáveis que ensina a Química Médica de Boerhaave	30
Aplicação desta doutrina ao corpo enfermo	31
Objecções contra os defeitos dos Aforismos de Boerhaave	35
Do Estudo da Botânica, Matéria Médica e Farmácia	36
Continua a mesma Matéria	37
Do Estudo das Instituições de Medicina de Boerhaave	37

Introdução ao Método de estudar e aprender a Medicina

Ainda que esteja autorizado para escrever o melhor método de aprender e ensinar a Medicina, receio com razão, que o meu trabalho será avaliado, como ordinariamente são os projectos, ou impraticáveis, ou quiméricos: porque considerando, que os que julgarão do que escrevo, foram educados muito diferentemente do que proponho, me acuzarão, que ignoro os requisitos necessários que devem entrar no que pretendo ver executado.

Proponho a Medicina fundada na verdadeira Física e Geometria: Proponho o método de saber pensar, e de enunciar-se com clareza, ordem e elegância, ornando o juízo com a História e com a Geografia, e um Reino onde até agora não se ensinaram publicamente estes conhecimentos: pelo contrário floresceram nele somente aquela Filosofia escolástica, que servia de introdução para estudar esta ciência.

Também receio que me oponham, que proponho uma Escola Real de Medicina com tanto dispêndio; devendo considerar que somente nos Reinos florescentes nas artes e no comércio se acham súbditos ricos, que possam assistir e manter-se nas Universidades, por seis ou sete anos, e fazer os gastos necessários para comprar livros, fazer experiências, e pagar Mestres: Que o interior do Reino está destituído destas vantagens; e que por esta causa a maior parte dos Estudantes, que se matriculam anualmente na Universidade de Coimbra, ou são obrigados da necessidade, ou levados da aversão aos estudos, ficarem quase todo o tempo em suas casas, e pelos caminhos, tanto que se matricularam: Indício certo que poucos serão os estudantes, que ficarão na Universidade pelo tempo que proponho, principalmente debaixo de uma regular disciplina.

Que parece impraticável, não obstante o exemplo do Reino de Nápoles, que haja Médicos e Letrados em Portugal sem o grau Pontifício, e que fiquem decorados suficientemente com a patente da Escola, ou Universidade Real, firmada pelo Secretário de Estado do Reino.

Que eximindo-se tudo o que se imprime da revisão e aprovação do Santo Ofício; se esta incumbência se restituir ao Chanceler Mor do Reino, ou aos seus Delegados, (como é constante prática na Universidade de Turim, não obstante existir na mesma cidade o Tribunal da Inquisição) ficaria a porta aberta ao Cisma, à heresia, e à irreligião: E principalmente quando proponho que a Faculdade de Teologia, e do Direito Canónico devia excluir-se destes estudos seculares: Faltando por estes meios os Teólogos Qua-

lificadores para examinarem as conclusões, ou obras Filosóficas, que se ensinariam no Colégio que proponho. Que se a Teologia, e o Direito Canónico se ensinar separadamente, por exemplo em Évora, ou em Braga, à custa dos Prelados, que faltarão os Teólogos Frades, e por consequência Pregadores e Missionários, no lugar onde se estabelecer a Universidade Real: E que sobretudo quero introduzir nela, aquele método de pensar, fundado no conhecimento interior provado pela experiência; e que tem por último fim e objecto achar os princípios e as causas de todos os nossos conhecimentos: Que quero introduzir na melhor porção da Nação Portuguesa o método de comparar os efeitos para vir no conhecimento das suas causas; e de comparar e combinar estas, para prever e conhecer os efeitos que delas se poderão seguir: Que este foi o método de Bacon, de Verulâmio, Locke, & de Descartes, autores hereges, e não sem nota de Ateísmo.

E que dou a entender que o método dos Estudos existentes até agora na Universidade de Coimbra foi erróneo, e precário: Que quero desterrar dos nossos estudos aquela regra universal para convencermos, a autoridade dos Doutores, ainda nas matérias da pura Natureza: Que quero destruir o costume de convencer, e de persuadir nas consultas dos Médicos, e nos Tribunais de Judicatura, de se decidirem as matérias mais importantes pela autoridade dos Doutores; porque raríssimas vezes se decidem pela íntima razão provada com experiências observadas sem erro.

Que se uma vez se desterrar das Escolas da Medicina e da Jurisprudência, a veneração devida aos Doutores destas ciências, que perderemos toda a sujeição e respeito, que introduziram os costumes, e a longa experiência, sem a qual nem as Leis pátrias, nem a constituição do Estado poderão subsistir com harmonia.

Estas e outras muitas objecções encontrará o método dos estudos que proponho, por todos aqueles que estimam e seguem o método de ensinar e aprender da Universidade de Coimbra, e dos Conventos. Temo que prevalecerão, apesar da evidência com que apresento aos pés do Trono de S. Majestade, donde safu a Real ordem para, escreve-lo: Sem embargo que tenha a meu favor, quase todas as Universidades Católicas Romanas, como são a de Bolonha, Paris, Turim, e a de Viena de Áustria. Como os meus adversários, pode ser, as não conhecem, nem os escritos, que delas safram, persistirão a impugnar-me, por não ficarem confundidos na velhice, do que necessitavam aprender na mocidade.

Do modo que são hoje educadas e governadas as Cortes de Europa, do modo que os Ministros exercitam os seus cargos, é quase impossível lhes fique

tempo para considerar o útil, ou pernicioso de um projeto: Embaraçados noite e dia com o despacho ordinário dos negócios, distraídos pela importunação dos suplicantes e dos pretendentes, é desejar milagres que tenham lugar para combinar toda a utilidade de uma proposta: se pelo amor do serviço da pátria, que os anima, entrevem alguma aparência de bondade no que se lhes apresentou, tomam o parecer dos Mestres daquela arte ou ciência que se lhes propôs, e parece que satisfazem à sua obrigação, seguindo o parecer e as decisões de uns homens, ainda que às vezes interessados, que consumiram a vida naqueles exercícios em que foram consultados.

Se os nossos Médicos estivessem naquele louvável costume, que têm alguns Italianos, quase todos os Alemães, Ingleses, Dinamarqueses, e sobretudo os Suecos, de se não estabelecerem antes de viajarem pelo resto da Europa, aprendendo dos mais célebres Mestres tanto nas Universidades, como nos Hospitais, o mais relevado da ciência que aprenderam, eu os conheceria por juízes competentes do que proponho neste papel. Mas todos sabem ao que se reduzem os estudos dos nossos Médicos formados na Universidade de Coimbra, ou de Salamanca.

Ninguém se admirará que o que proponho agora vá destituído daquela elegância que requeria o assunto, e sobretudo para cumprir a ordem de S. Majestade que Deus guarde: previa escrevendo as objecções acima, e abrandavam a cada momento aquele estímulo que brota da esperança: E assim foi, parece, necessário, para que o merecimento da minha obediência compensasse o rasteiro da composição: E se venturosamente, se achar nela algum merecimento, foi efeito do amor de obedecer, sem ter nele parte alguma a esperança de se efectuar.

Todos, me parece, aprovaram que propusesse um Colégio de Filosofia, que compensasse aquele das Artes que existia em Coimbra; por ser base necessária para estudar a Medicina e a Jurisprudência: como semelhante estabelecimento é totalmente novidade em Portugal, foi-me preciso propôr tudo com tal clareza, que ainda aqueles que não foram instruídos nas escolas, fiquem de algum modo persuadidos da utilidade dos estudos que proponho.

Formarei um Médico capaz de exercitar a sua arte com utilidade pública: Achei que seguindo a Quintiliano¹ dando os preceitos para formar o seu Orador, cumpriria o que sou obrigado a executar. Não somente indicarei os estudos da arte Médica, mas todos aqueles necessários para entendê-la, e praticá-la. Parecerá a alguns Médicos supérfluo este trabalho, quando muitos Autores trataram do modo de ensinar

¹Institut. Orator. lib. 5. cap. I.

e aprender a Medicina. Parece, que a tudo satisfaz o tratado de Herman Boerhaave com as adições de Alberto Haller, seu discípulo: Mas esta excelente e doutíssima obra, de que nos valeremos bem a miúdo, supõem que o estudante, que entrar a estudar a Medicina, estará já instruído nas línguas douradas, na Geografia, na História, na Filosofia Racional, e Moral; e que entrará a ouvir os Lentes de Medicina, com estes princípios, base do que lhe ensinarem. Por essa razão me resolvi a suprir o que supõe esta excelente obra com um Colégio de Filosofia, tal que seja o Seminário do entendimento ilustrado, e do coração virtuoso, qualidades tão necessárias no Médico, como as requeria Catão no seu Orador.²

Qualidades necessárias para aprender a Medicina

Ainda que todos os homens sejam compostos de corpo e alma racional, com tudo, pela experiência de tantos séculos se sabe haver neles tanta variedade no perceber, julgar e discorrer, como observamos nas caras: Todas contêm as feições que formam o rosto, mas nenhuma é semelhante. Igual é a variedade dos génios e das inclinações que observamos nos meninos, não sendo todos capazes de obrarem as mesmas acções com a mesma facilidade, prontidão, e energia. Serão logo obrigados os Legisladores, os Magistrados, e os Pais fazerem escolha daqueles que destinarem a seguir as ciências, para que um dia as cultivem com glória, e utilidade sua, e da pátria.

Não só Quintiliano determinou as qualidades requisitas nos que haviam de aprender a Eloquência³, mas ainda com maior cuidado Hipócrates⁴ e Galeno⁵

²Quintil. ib. lib. 12. cap. I. Sit ergo nobis Orator quem instituimus, is, qui à M. Catone finitur, *vir bonus. dicendi peritus.*

³Nihil præcepta atque artes valere, nisi adjuvante natura. Qua propter ei cui deerit ingenium, non magis hæc scripta sunt, quam de agrorum cultu sterilibus terris. Sunt & alia... & hæc ipsa sine doctore perito, studio pertinaci, scribendi, legendi, dicendi multa, & continua exercitatione, per se nihil prosunt. *Institut. Orat. ad Proemii calcem, edito Gesneri, Gottingæ 1738.*

⁴Quisquis enim Medicinæ Scientiam sibi vere comparare volet, eum his ducibus voti sui comporem fieri oportet. Natura Doctrina, Loco Studiis Apto, Institutione A Puero, Industria, et Tempore *Lex. 2, edit. vander Linden.*

⁵*Primum quidem acuta Natura, ut quæcumque disciplina rationalis edoceatur, ea facile assequatur. Secundum à puerili ætate, & institutio, & exercitatio, ut in primis verteretur in disciplinis, maxime vero in Arithmetica. & Geometria sese exercuisse oportet, quemadmodum Plato consulit. Tertium. Ad hæc omnia optimis sua tempestate habitis præceptoribus aures adhibuisse. Quartum postea. ip-*

nos que se destinavam a estudar a Medicina. São os engenhos como os campos, diz o primeiro; e se todos os preceitos da agricultura serão insuficientes para serem férteis; do mesmo modo sucederá nos naturais estúpidos, ou preguiçosos: porque ainda com a boa percepção, memória tenaz, e facilidade do discurso, se requer muita aplicação, lendo e escrevendo, e um continuado exercício naquilo em que se ocupou.

Galeno, tão douto nas Matemáticas & na Astronomia, não só recomenda o referido, mas acrescenta que aprendam a Aritmética e a Geometria.. que tenham a peito indagar a verdade, e possuir aquele método, que serve de medida ao que é verdadeiro ou falso, e que pelo exercício destas operações adquiram tal hábito, que se não apercebam quando usarem dele. Não fatigarei o leitor com a tradução literal do que diz Hipócrates, e Galeno; todo este tratado o mostrará; e não me acusarão de inovador, se lerem o que cito à margem.

Jacob Sylvius, Lente de Medicina na Universidade de Paris, não só aconselha o mesmo que os Autores referidos, mas ainda requer que o Médico tenha suficiente património para aprender viajando, e exercitando a Medicina⁶, o que Hipócrates ordenou tão distinta e inviolavelmente.⁷

Do referido se vê claramente, que se os que se destinarem a seguir a Medicina, ficarem incapazes de aprendê-la, pelo pouco que aproveitaram nas primeiras escolas, que se devia usar com eles do mesmo modo, que S. Majestade ordenou, pelo seu piedosíssimo Alvará do 7 de Julho de 1759, se use com aqueles discípulos das Linguas Latina e Grega, que perderam o seu ensino nas escolas Reais: Isto é que sejam expulsos delas, com nota de incapacidade para entrarem em outra qualquer do Reino.

sum esse laboris patientissimum, ut nihil quidquam interdiu, nihilque noctu, præter disciplinas meditetur. *Quintum præterea* quod paucissimis contigit veritatem expetere; eique soli in tota vita studio incumbere, spretisque ceteris omnibus, quæ à plerisque expetuntur. *Sextum*. Serie methodum quamdam didicisse quæ tum verum, tum falsum dijudicetur... Ad hæc *omnia septimum*. Metho dum exércuisse decet ut non solum cognoscere, sed uti queat Itaque si quod unum horum quæ dicta sunt, ad veritatem viam instituenti desit. æquum est, ipsum haud admo dum sperare eorum quæ expetit quicquam esse consecuturum. *De Constitut. Artis Medic. cap. V, pag. 177, edit. Charter. tom. I.*

⁶Ordo & ordinis fatia in legendis libris Hippoc. & Galeni. *Argentor.* 1707. Facultates Amplissimas, aut saltem mediocres, pag. 104.

⁷Lex. §3. His vero ad artem Medicam allatis, & vera ipsius cognitione com. parata, tandem per urbes obambulando, non sermone tantum soo opere Medicos haberi convenit.

Do Colégio da Filosofia; um dos três de que constaria a Universidade Real

Está tão mal avaliado hoje o nome de Filósofo, entre os homens do mundo civilizado, que é preciso explicar o que entendo por este nome, e pela Filosofia. Têm muitos por Filósofo aquele homem melancólico, retirado, entregue à especulação de muitas coisas inúteis: absorto em pensamentos fora do caminho da vida humana; que fala uma língua ininteligível, que contradiz a tudo o que se lhe propõem; que convence, à força de Silogismos, e com autoridades, que nunca vem o seu discurso a propósito: enfim, que é um homem inútil à sociedade civil, e incapaz de todo o trato humano.

Mas enganam-se: Este homem não é Filósofo; é um atrabiliário, é um fantástico, nutrido na soberba, e formado na vaidade. Os homens que decoraram a antiguidade com este título foram utilísimos à Sociedade. Zoroastro, Confúcio, Pitágoras, Zaleuco, e Charondas, legisladores, foram os Filósofos que sempre foram admirados na posteridade. Alexandre Magno, Marco Aurélio, e Juliano Apóstata, Reis e Imperadores; Agesilau, Fócion, Péricles, e Xenofonte, Generais de exércitos, pelo seu saber, pelas suas obras, e façanhas foram decorados com o mesmo título igualmente como o foram Sócrates, Platão, e Aristóteles. É verdade que muitos abusaram deste honorífico nome, retirando-se da sociedade, formando escolas, fundando seitas, ou consumindo tempo, que deviam empregar na utilidade do género humano, em controvérsias, e inúteis disputas; como sabemos de História Filosófica fizeram muitos Estóicos, Peripatéticos, Epicúreos, e Pirrónicos.

Mas chegando para os nossos tempos, nunca a verdadeira Filosofia se viu mais degenerada, que depois do século VIII, quando os Eclesiásticos tomaram à sua incumbência o ensino da mocidade. Pelos Capitulários de Carlos Magno se estabeleceram Escolas nos Conventos, e nos Cabidos das Sés, onde todo o ensino da Filosofia estava reduzido ao *Trivium*, isto é, a *Gramática*, a *Dialéctica*, e a *Rétorica*; como também ao *Quadrivium*, que era a *Música*, a *Aritmética*, a *Geometria*, e a *Astronomia*. Nestes estudos se consumiam sete anos, com o título de Artes Liberais; depois os reduziram a cinco; por último a três e meio; e em França, hoje, e em muitas partes de Itália, estão reduzidos a dois anos.

Os Autores que serviam de ensino nestas escolas eram *Marcianus Capella*, *Boethius*, *Cassiodorus*, e *Isidoro Hispalensis*: Mas pelo decurso do tempo todos estes leves conhecimentos se reduziram ao es-

tudo da *Dialéctica*, e aqueles exercícios de argumentar dia e noite, sem aprenderem coisa de reparo. Não havendo Mestres instruídos na *Física*, nem nas *Matemáticas*, e muito menos nas *Línguas* doutas, estava perdida a *Retórica*, e todos os conhecimentos naturais. Como somente a Teologia e o Direito Canónico eram premiados com dignidades e ricos benefícios: como nos Estados Cristãos não havia empregos, nem emolumentos destinados aos *Historiadores*, aos *Astrónomos*, aos *Arquitectos* e *Engenheiros*, sucedia forçosamente que só a *Dialéctica* e a *Metafísica* ocupavam o ânimo dos que estudavam.

Mas no século XII é que a verdadeira *Filosofia* ficou sepultada debaixo do túmulo da *Dialéctica*, que ensinavam na Universidade de Paris e em Itália, Pedro *Abelardo*, Pedro *Lombardo*, Roberto *Pullo*, Gilberto *Poretano*, Pedro *Comestor*, e João *Sarisbericense*: Ficou decorado com o nome de *Filosofia* o maior inimigo do entendimento: preverteu-se o ânimo, brotaram desta má disposição todos os vícios. Se alguém não estiver persuadido da fidelidade deste retrato, que leiam, lhes peço, a Luis *Vives*,⁸ nos lugares citados, e então verão, se voluntariamente não querem ficar cegos, se estes estudos Escolásticos são para abrir e aguçar o entendimento (como dizem os seus fautores), ou para depravá-lo, e ficar fechado a toda a razão e conhecimento?

O Colégio da *Filosofia* que proponho é para aprender aquela arte que busca os princípios e a conexão dos nossos conhecimentos; combinando os efeitos para descobrir as causas; e ponderando estas para prever e determinar os efeitos possíveis, ou que necessariamente se devem seguir delas. Mas esta clareza do entendimento não se aprende à força de gritos, nem por disputas: A *Geografia*, a *Cronologia*, as *Matemáticas Elementares*, *Filosofia Racional*, e a *Moral* são a base deste complemento da alma racional. O seu objecto é o de adquirir o que é mais necessário, e mais precioso na vida civil: E como a *Virtude* é superior à ciência, por essa razão a verdadeira *Filosofia* se concentra na *Moral*, que é trabalhar cada qual na utilidade de si mesmo, e ao mesmo tempo de todos aqueles com quem estamos ligados em sociedade, ou com quem poderemos vir a tratar. Estes co-

⁸Puer ad scolam deductus, primo confestim die jubetur disputare: & docetur jam rixari, qui fari nondum potest. Idem in Grammatica, in Poetis, in Historicis, in Dialéctica, in Rhetorica, in omni prorsus disciplina..... Quanta nascitur hinc corruptela, & in moribus, & disciplinis, inflammatis animis, ad pertinaciam obfirmatis? Clamores primum ad ravim: hinc improbitas, sannæ, minæ, convitia, dum luctantur, & uterque alterum tentat prosternere: consumptis viribus venit ad pugnos... ..De causis corrupto artium, lib. I. pag. 68, 70, edit. Lugd. Batav. 1636. 8º. Et totum Librum 3, de *Dialectica corrupta inscriptum. Ibidem.*

nhcimentos servem em qualquer estado, que a fortuna ou as leis estabeleceram a cada qual: Eles são a origem da virtude, da *Ordem*, da *Economia*, da *Política*, e daquela grandeza e rectidão do ânimo, que no caso que não houvesse leis que nos dirigissem e nos governassem, seriam bastantes para vivermos recta e virtuosamente: E esta foi a excelência que Aris tipo achou na *Filosofia*.⁹

Deste modo o Colégio da *Filosofia*, que proponho, não é mais que uma Escola da virtude, e juntamente dos conhecimentos para servir o estado no tempo da paz e da guerra. Se satisfizer estes dois objetos conforme o desejo que me anima, estou bem persuadido, que todos louvarão este trabalho.

Da História, da Geografia e da Cronologia

Supomos que todos os estudantes que entrarem na Universidade estarão instruídos nas *Línguas* doutas, e nas *Humanidades*, nas *Escolas Reais* estabelecidas no ano de 1759. E como nos *Apontamentos* que tenho escrito para formar-se uma *Universidade Real*, tratei largamente de que modo se devia estabelecer e governar o Colégio de *Filosofia*, tratarei só neste lugar daquelas ciências e conhecimentos que deviam ensinar-se nele.

Alguns Autores escreveram acerca do *Método de estudar*, advertiram que seria mais a propósito que o Estudo da *História* e da *Filosofia* precedesse aquele da *Eloquência*: poderá ser que alguns estudantes que tiverem estudado nas *Escolas Reais* cheguem instruídos nestes conhecimentos, e que se julgue superfluo que neste Colégio da Universidade venham aprendê-los. Estas considerações não me detiveram para propôr que a *História*, a *Geografia*, e a *Cronologia* deviam ensinar-se neste Colégio, como introdução a todas as mais partes da *Literatura* e das *Ciências*.

Duvidaram alguns Mestres das *Humanidades* se não seria mais útil começar o estudo da *História* Profana, ou *Sagrada*, desde os nossos tempos subindo por épocas até à antiguidade mais anterior? É fácil de conceber a dificuldade que tem a mocidade de reter os nomes dos Patriarcas, dos Reis da Assíria e do Egipto: a mesma dificuldade encontrará para fixar na memória a *Geografia* antiga da Ásia: tem tão pouca conexão este estudo com as nossas Leis e Costumes, que ainda aqueles engenhos cobiçosos de aprender,

⁹Rogatus aliquando, quid habeant eximium Philosophi? Si omnes, inquit, leges intereant, æqualibiter vivemus. *Dialogo Laert, in Aristippo, lib. II, cap. VIII.*

desmaiam neste estudo, que por último, ou desprezam, ou esquecem.

Para saborear esta tenra idade parece, seria mais a propósito ensinar a *História* começando pela dos Reinos da Europa desde os nossos tempos, dividindo-a em épocas ou marcos, subindo sempre até o princípio do nosso Reino: dali até o ano 800 do N. de Cristo, quando Carlos Magno era Imperador do Ocidente, e deste modo subindo até à mais estendida antiguidade. Do mesmo modo se ensinaria a *Geografia*, e a *Cronologia*; deixando para o fim a *Geografia* antiga, e a *Cronologia* anterior ao Nascimento de Cristo. Deve preceder o estudo da *Geografia* ao da *História*, ensinando-a sobre o *Globo Terrestre*, e não por cartas, como erradamente costuma ensinar o comum dos Mestres. Nele aprenderiam os Principiantes os pólos *Ártico* e *Antártico*, o *Horizonte*, o *Meridiano*, o *Equador*, os *Trópicos*, a *Eclíptica*, e as *Zonas*; o que são os *Anfiscios*, e os *Antípodas*; o que se entende por *Longitude*, e *Latitude*; como se contam os graus, e o número dos que contém cada círculo, aplicando estas lições às Cartas Geográficas das quatro partes do Mundo; às expedições de *Ciro*, e de *Alexandre Magno*. Bastaria esta particular instrução para formar uma ideia da *Geografia*, e para imprimir-se na memória o fundamento da *História* dos Reinos da Europa, e dos quatro impérios, que conhecemos por universais.

No mesmo tempo aprenderiam a *Cronologia* até ao Nascimento de Cristo, começando na do nosso século, até chegar aos dos Patriarcas, e das Dinastias do Egipto e da China. Porque não somente queremos saber em que lugar sucederam as revoluções dos Reinos e Impérios que lemos na *História*, mas também em que tempo: Estas lembranças fixam na memória os sucessos, as acções ilustres e virtuosas, e igualmente as bárbaras, e in-humanas.

Na mesma Aula estariam penduradas as Tábuas Cronológicas ou de *Petavius* ou de *l' Abbé Lenglet*, estas impressas em *Paris*, e aqueles em *Leyde*, por *Theodoro Haack* 1733: aquelas de *Schraderus* continuadas até o ano de 1757, por serem mais bem ordenadas e completas, poderão servir para o uso dos Mestres. O seu título é *Christophor. Schraderi Tabulae Chronologicae, cura Theodori Meieri e Gasparis Corberi, Brunswigæ ad annum 1757.* foI. Não me atrevo a determinar compêndio algum da *História* para explicar-se publicamente aos discípulos. Deixo a eleição dos Mestres usarem do método que acharem mais a propósito. Se o conselho da Universidade aprovar mandar reimprimir em Portugal as Tábuas Cronológicas de *Schraderus*, e por elas ensinarem os Mestres a *História*, parece que seguirão o método que

seguem algumas Universidades de Alemanha, com grande proveito da mocidade.

Para explicar estas tábuas, tirariam os Mestres os mais úteis e acertados socorros no livro nomeado à margem¹⁰ para a *História Moderna*: nesta obra verão uma admirável clareza e o necessário para compreender a *História* da Europa.

Por exemplo; depois de ter mostrado no Globo terrestre a *Geografia* da Europa, e especialmente a de Portugal e de Castela, nas Tábuas Cronológicas notaria o ano 1640, no qual sucedeu a gloriosa aclamação del Rei Dom João o IV, notaria o Imperador que reinava em Alemanha, que sumo Pontífice, e que Reis reinavam naquele tempo nos Reinos da Europa: Continuará a *História* de Portugal, juntamente com as dos mais Reinos nomeados, até nossos tempos; e deste modo subiria àquela Época quando Vasco da Gama passou o cabo da Boa esperança no ano de 1497, quando reinava D. Manuel. Do mesmo modo indicaria os Reis e Imperadores, e sumos Pontífices que viveram até o ano de 1640; e assim continuando até à origem do Reino, e dos Imperadores do Ocidente e do Oriente. Não necessito recomendar aos Mestres que deviam explicar tudo na Língua Latina, língua única em público na Universidade: a segunda que ensinando a *História* não se contivessem nas únicas datas dos sucessos, os costumes daqueles, plantando no ânimo os princípios das virtudes civis e Cristãs e afiando o vício e a ociosidade: E deviam imitar algumas vezes a M. Rollin na sua *História* antiga.

Atendendo aos necessários conhecimentos que se alcançam no estudo da *Geografia* antiga, seria muito conveniente que neste Colégio se explicassem as *Tábuas Geográficas de Ptolomeo*, impressas em Amsterdão 1728, foI. ou *Cellarii Notitia Orbis antiqui: Lipsiæ* 1731. 2, vol. 4.º. Além de que estes estudos pela variedade e instrução de leitam, e dão ocasião a amar a *História* como mestra da vida, e como companhia inseparável do ânimo virtuoso, servem do melhor comento a toda a antiguidade.

¹⁰L' Art de vérifier les Dattes des Faits Historiques, depuis la Naissance de Notre Seigneur, avec l'Histoire Abregée des Concilés, des Papes, des Empereurs Romains, Grecs, François, Allemands & Turcs: des Rois de France, d' Espagne, d' Angleterre, Portugal. Par des Religieux Bénédictins, Paris, 1750.

Dos Estudos Filosóficos que devem preceder a Medicina e a Jurisprudência

É costume hoje das melhores Universidades da Europa ensinar a História da Arte ou da Ciência que começam os estudantes a aprender. Para conseguir o ensino perfeito da Filosofia, necessariamente se ensinaria neste Colégio uma hora por dia a sua História. O seu objecto é o juízo humano: é a História dos *Legisladores*, dos *Filósofos*, das *Ciências*, e das Principais Leis da antiguidade. Seria supérfluo consumir o tempo para provar a necessidade que tem todo o homem empregado no serviço da sua pátria, ser instruído na *História Universal*, e especialmente do Estado onde nasceu. O fim desta é instruir pelos sucessos e pelas acções dos antepassados: o da História Filosófica é relatar o que os Homens Ilustres pensaram de bom, ou de mau, de útil, ou pernicioso, sobre as coisas que conceberam, ou que meditarão. Pela simples narração de tantos discursos e especulações, encostada à História Universal, virá o Estudante facilmente no conhecimento, que se não poderia adquirir senão depois de muitos anos, e com muita aplicação, e grande trabalho.

Além da grande utilidade que retirarão aqueles que se aplicarem à Medicina, à Jurisprudência, ou à Arte Militar, deste estudo, tem ainda outra, poderá ser superior, que é aprender ao mesmo a *História Literária*, tão necessária hoje ainda mesmo a todo o homem de capa e espada. Estamos inundados de milhares de livros de Filosofia Moral, de Política, de Anedotas, e de Memórias, como dizem, Filosóficas, e não é a menor ciência fazer escolha dos livros excelentes, nos que poderemos aproveitar, para não perder o tempo, e ocupá-lo em reter os erros que poderíamos conceber sem este ensino.

Aprendendo os Estudantes esta História ao mesmo tempo que aprendessem a Profana, ficariam informados, que a doura Antiguidade repartiu a Filosofia em três ramos, dos quais, o primeiro contou pela *Filosofia Racional* que compreende a *Psicologia*, a *Ontologia*, e a *Metafísica*; e usa da *Dialéctica* e da *Lógica*, como de instrumentos para alcançar a verdade. O segundo a *Filosofia Moral*, que compreende o *Direito Natural*; as *Obrigações* públicas, e particulares; o *Decoro* e a *Economia*. O Terceiro a *Física* geral, que inclui a *Astronomia*, a natureza, e os efeitos dos quatro Elementos; a *Física particular*, ou as propriedades dos corpos animados ou insensíveis.

Como temos hoje a doura e elegante obra de Ja-

cob. Brukerus,¹¹ dela se poderão valer os Mestres para ensinar de viva voz, explicando o seu *Compêndio* aos seus discípulos, composto pelo mesmo Autor, intitulado, *Institutiones Philosophicæ ad usum juventutis Academicæ adornatæ*. Lipsiæ, 1756. 8.º. Este modo de ensinar, explicando e orando de viva voz, fica mais impresso na memória, do que o que se aprende pela leitura, principalmente se os ouvintes bem doutrinados, amarem e venerarem, como devem, o seu Mestre; e não se poderá facilmente exprimir quão poderoso é aquele desejo de imitar as acções dos que respeitamos.¹²

Não necessito copiar aqui o Catálogo dos Autores que escreveram da Historia Filosófica. O citado *Brucker* ilustrou esta matéria de modo, que nenhum mais poderá igualá-lo. E não é outro o meu intento do que indicar os Autores dos Elementos das Ciências, ou conhecimentos que proponho para se estudarem, e que não são comuns em Portugal, na intenção também que darei motivo para que se mandem imprimir à custa da Universidade Real.

Do Estudo das Matemáticas Elementares

Poucos são os que ignoram hoje que as Matemáticas Elementares eram a porta para entrar no santuário da Filosofia. Pitágoras não admitia ninguém a ouvi-lo sem sabê-la; e Xenócrates negou o seu ensino a um ignorante nas Matemáticas, que chamou *Asas da Filosofia*.¹³ O estudo da Aritmética e da Geometria é tão necessário a todos aqueles que hão-de servir a Pátria nos empregos de Médico e de Jurisconsulto, como nos cargos Políticos e Militares. Não é o seu intento ensinar somente os termos em que estão escritas muitas Ciências, e servirem como de linguagem para se entenderem; mas por si mesmas servem, por assim dizer, para ajuizar engenhos, acostumarlos à reflexão e à meditação, e fazer deter a volubidade dos pensamentos sem ordem e sem conexão: adquire-se por este estudo um hábito de reflectir e de

¹¹Historia Critica Philosophiæ, tom. 5. Lipsiæ. 1742. 4.º.

¹²Licet enim satis exemplorum ad imitandum suppeditet, tamen viva illa, ut dici tur vox alit plenius præcipueque ejus præceptoris, quem discipuli, si modo recte sint instituti, & amant & venerentur. Vix autem dici potest, quanto lubentius imitemur eos quibus favemus. *Quintil. lib. 2. cap2º*

¹³Ad eum, qui neque Musica, neque Geometria, neque Astronomia instructus, ludum suum frequentare cupiebat: Abi, inquit, ansis enim & adminiculis Philosophiæ cares. *Diog. Lært. in Xenocrate.*

combinar, e uma certa paciência para inquirir, e facilidade de perceber.

Quintiliano aconselha este estudo ao seu Orador, e lhe indica os casos onde lhe será necessário.¹⁴ E Plátão com toda a sua escola dizia, que o melhor modo de purgar e alimpar o entendimento, era de separá-lo pouco a pouco das coisas materiais, e acostumá-lo depois a contemplar as coisas inteligíveis, que não podem ser vistas, se não com os olhos do entendimento. Vejo com a simples vista um triângulo: mas as demonstrações que se tiram dele não se operam com a simples vista: só o juízo e o discurso são os que têm parte na demonstração, que os três ângulos deste são iguais a dois ângulos rectos. Acostuma-se o juízo neste exercício a ficar convencido pela força da razão, e a rejeitar a autoridade das coisas humanas que não estiverem fundadas em motivos da maior força.

Ninguém poderá hoje perceber a Medicina sem a *Física Experimental*; e ninguém entenderá esta, sem Geometria, Álgebra, Trigonometria, e as secções cônicas: Não requer muito tempo este estudo, se for ensinado por um Mestre amante e inteligente: seis meses de tempo com uma regular aplicação, seriam bastantes para adquirir estes princípios.

Vários são os Tratados de Aritmética, Geometria, e Álgebra, que se tem escrito nos nossos tempos, e em várias línguas. Os Ingleses preferem o original de Euclides traduzido em Latim, por se achar neste autor o mais excelente modo de demonstrar. Porém eu convencido das razões, que *João Augusto Ernesto* traz no prefácio da sua obra intitulada: *Initia Solidioris Doctrinæ, Editio altera, Lipsiæ apud Joann. Wendlerum, 1746, 8.º*, fora de parecer que a *Aritmética*, & a *Geometria* deste Autor tratada nesta obra, servisse de ensino aos Estudantes do Colégio que proponho. As razões que me moveram a esta resolução são as seguintes: Sucedeu muitas vezes entrarem naquele Colégio de Coimbra Estudantes com bastante conhecimento da Língua Latina, que tinham estudado pelos autores Clássicos; e tanto que começavam a estudar aquela *Filosofia* da Escola, ou o Direito Civil ou Canónico na Universidade, em poucos dias não somente esqueciam aquela língua que tinham aprendido com tanta pena, e por tanto tempo, mas em seu lugar adquiriam aquele latim dos claustratos, ficando incapazes depois de saírem daqueles estudos, não somente de escrever duas regras em latim, mas nem ainda entender um Autor Clássico Latino.

Este mesmo vício observaram muitos Professores

¹⁴In Geometria partem fatentur esse utilem teneris ætatis; agitari namque animos, atque acui ingenia, & celeritatem percipiendi venire inde concedunt. Inslil. Oral.lib. 1, capº10.

em Alemanha, e particularmente João Mathias Gesnero, Chanceler da Universidade de Gotinga; e para obviar a este inconveniente persuadi-o a seu Amigo João Augusto Ernesto, Lente de Humanidades na Universidade de Leipsig, que compusesse um compêndio da Aritmética, Geometria, Filosofia Racional e Moral, &c. na Língua Latina para o uso das Escolas, mas com tal precisão e propriedade nesta língua, que o seu estudo servisse de Comentário a Cícero, e a Séneca na Filosofia Moral, e a Vitruvius, Macróbio, e Plínio nas Matemáticas: Que se no tempo dedicado a estudarem a Filosofia lha explicassem, e aprendessem por um semelhante compêndio, não só conservariam a latinidade que tinham aprendido nas Escolas, mas que adiantariam o que nelas tinham aprendido; e que se saíssem bem instruídos nestes estudos, que conservariam por toda a vida aquele ornato e elegância dos Autores Clássicos, possuindo o melhor comentário para entendê-los.

Executou *Ernesto* o compêndio referido a rogos do Douto Gesnero, com tanto louvor dos inteligentes, que serve hoje na Universidade de Leipsig, nas dos Estados de Brunswick e outras muitas, para a instrução da Mocidade Académica naqueles Estudos; e como cada curso Académico se estende a um ano inteiro, e pelo menos a onze meses, como também está ordenado nas *Instruções Reais*, Art. XX, todo o estudo se reduz a dois anos, nos quais conservam os discípulos não somente o que aprenderam nas Escolas da Língua Latina e da Eloquência, mas também todos aqueles conhecimentos úteis e necessários por toda a vida, em qualquer situação ou estado em que se acharem na vida civil.

Mas o Mestre que explicar a *Aritmética*, e a *Geometria* deste compêndio que recomendamos, não somente deve ser versado nos livros vulgares que tratam as Matemáticas, mas particularmente nos Autores antigos, que trataram delas, por estarem escritos na Língua original Latina, muito diversa daquela em que escreveram Clavius, Wolf, e Deschalles. Se for admitido este compêndio para o uso deste Colégio, bem se vê claramente que será necessário mandar-se reimprimir na Universidade.

Relata Luís Vives¹⁵, que a causa da perda das Ar-

¹⁵De Causis Corrupto artium, lib. 5. p. 23, edito Lugd. Bat. 12. Rogatur Philosophus, aut Theologus, aut Medicus, aut Jurisconsultus de singulis, sciat ne Grammaticam, Poeticam, Rethoricam? Exsibilat eum qui id quærat, magno vultus fastidio, sæpe etiam cachino, & ad pueros mittit. Teneat ne Linguas Latinam & Græcam? seminarium vocat hæresium; tenuisse in tenera ætate, sed esse dedita opera oblitum. De Geometria, ita plane de punctis, de lineis ridicula quædam. De Arithmetica jocatur, bene numeraturum se, adsit modo pecunia. in Astronomia, partem Sphæræ Joannis a Sacro Boséo aliquando audivit adoles-

tes e das Ciências veio somente da ignorância dos Mestres da Filosofia, da Medicina, Jurisprudência, e da Teologia: porque não somente eram ignorantes das línguas doulas, das Matemáticas, e da Filosofia Moral, mas que ainda desprezavam estes conhecimentos, inculcando com derrisão deles aos discípulos a maior barbaridade. O lugar citado abaixo exprime com maior energia o sentido deste discurso. E a desgraçada experiência que temos, confirma bem o que lamenta o Autor citado.

Donde se vê que para sair da Universidade com aqueles conhecimentos perfeitos que aprenderam, que não necessitam somente os Estudantes serem bem instruídos neles, tanto pela eleição dos melhores Autores, como pela diligência dos seus Mestres; mas que estes mesmos lhes façam lembrar o que aprenderam nas classes, ou nas aulas antecedentes; o que lhes será fácilimo, se eles mesmo forem perfeitamente instruídos no que nelas se ensinar.

Estas são matemáticas Elementares para prosseguir os estudos da Universidade. E não proponho o curso inteiro delas, onde se incluem o cálculo sublime e as Matemáticas mistas, porque estes estudos deviam ser ensinados por dois ou três Lentos, diferentes dos do Colégio da Filosofia, para se applicarem a esta Ciência aqueles que quiserem fazer maiores progressos nela.

Da Filosofia Racional

No mesmo tempo que o Estudante aprendesse a Geografia, a Cronologia, a História filosófica, e as Matemáticas elementares, poderia aprender sem embaraço e sem confusão a *Filosofia Racional*.

Depois que o Estudante tiver começado a aprender o conhecimento das coisas humanas, as propriedades, e quantidades dos corpos, poderá igualmente instruir-se no que entendemos pelas coisas *mentais*, ou *espirituais*. Necessita saber as propriedades da alma racional, e as suas operações. A *Psicologia*, a *Ontologia*, e a *Metafísica* nos dão estes conhecimentos, que se acham no livro acima, *Initia Doctrinae solidioris*, excelentemente tratadas. Ali se notará como o Autor evitou as irregularidades, contrárias ao Método de estudar, que seguiam os que ensinam nas escolas vulgares. Nestas começavam os estudantes a aprender a Dialéctica e a Lógica, antes de saber o que eram as operações da alma racional, nem de

cens in Schola. At Moralem Philosophiam certescies? Aliquot dicta ex Ethicis Aristolelis. Ad Oeconomiam respondet, se non alere familiam; ad Politicam nec regere civitatem. Quid ergo nosti, vir maxime, & de eruditione admirande? Omnia, sed horum nihil.

que modo pelos actos do entendimento se separam as propriedades dos corpos da mesma substância deles.

Ensinavam-se estes conhecimentos na língua da barbaridade, e com um método tão depravado, que ficava o juízo corrupto por toda a vida, se por toda ela amassem aquele modo de discorrer. No Compêndio referido se aprendem na língua de *Cícero*, de *Sêneca*, e de *Macróbio*, com excelente e perspicaz método, e naquela amenidade e vigor do discurso, que se observa e admira nos Autores clássicos.

Do Estudo da Dialéctica e da Lógica

Se depois de duzentos anos Lourem Valla, Luís Vives, Pedro Ramus, e o Chanceler Bacon, com infinidade de outros mais autores no século passado e no presente, não tivessem mostrado a inutilidade, e o prejuízo que causava a Lógica das escolas escolásticas, seria obrigado de me valer das suas razões para dissuadir o que a maior parte da Europa tem abraçado nesta matéria nas suas universidades. Achei portanto da minha obrigação, dar a entender aqui o fim que deve ter a Lógica, e que mais deve aprender-se pela prática, do que à força de regras e de silogismos.

Três são as causas da *ignorância* dos homens, e do seu errado modo de discorrer. E a primeira, diz João Locke¹⁶, é que a maior parte deles não pensam, nem indagam coisa alguma pela força do seu entendimento; tudo o que fazem é imitar as pessoas que respeitam, ou que veneram; amam os seus iguais, respeitam os Mestres, estimam às vezes um inferior, fazem dele bom conceito, seguem os seus ditames à risca; não especulam, nem reparam no que os devia fazer entrar em dúvida, ou suspeita. O senhor segue o conselho do escravo, o amo do criado, o Rei do seu Ministro, de quem tem formado bom conceito e opinião, sem indagar nem especular os fundamentos dos conselhos que seguem.

Esta sorte de homens está condenada a seguir o que lhes persuadiu o último com quem falaram, e ouviram com atenção: porque não estando acostumados a pensar nem a discorrer, resolvem e determinam só pelo que têm presente na memória. Eu me lembro que antes que ouvisse o grande Boerhaave, o último Livro de Medecina que estudava, sempre me parecia o melhor, e seguia os seus ditames, e prática Médica; de tal modo, que dentro de um ano a mudava tantas vezes, quantos tinham sido os autores que ti-

¹⁶De la Conduite de l'Esprit, p. 131, tom. 1, Oeuvres Diverses, Amsterd. 1732. Trad. do Inglês.

nha lido naquele tempo, sendo a causa que não julgava do que lia: descansava o juízo no alheio, e nisto consistia então o meu raciocínio. Não obstante que tinha aprendido a Filosofia escolástica em Coimbra e Salamanca, não obstante que tinha estudado a Medicina com algum louvor dos meus Mestres, não tinha adquirido aquela Lógica ou raciocínio, que sabe discernir o falso do verdadeiro, o certo do duvidoso: sendo a causa que de meus Mestres nunca ouvi, nem aprendi até aquele tempo, tal modo de governar o entendimento. Cheguei a ouvir Boerhaave quase por dois anos, e dele aprendi esta Lógica, e aquele limitado método que possuo para me determinar a fugir ao erro e a abraçar a verdade.

A segunda classe de homens que vivem na *ignorância* são aqueles cegos pelas suas paixões, de tal modo, que não escutam com atenção outros pensamentos, senão aqueles que lhas alimentam com vivacidade: sucede que se acham destes com excelente juízo, e que discorrem naquelas matérias que não têm conexão com as paixões que os devoram tão acertadamente, que causará admiração que a tal excesso esteja cego o seu juízo, para discorrer nos objectos fora da sua paixão. Este estado do juízo avaliam os Médicos por doença do ânimo. Nenhum Autor até agora o mostrou melhor que Cervantes no seu Dom Quixote de la Mancha: pintou o seu Héroi excelente Filósofo Moral, Político, Teólogo, douto e pio, bom cortesão, bom Amo, e bom Cavaleiro; julgava de todos estes estados com prudência e acerto; mas tanto que se lhe representava alguma ideia ligada com o officio de cavaleiro andante, então caía nos maiores absurdos e nas maiores extravagâncias: não admitia neste ponto, nem ensino, nem instrução: estava naquela parte leso e enfermo o juízo, dominado e preocupado daquela vaidade extravagante das *Cavalarias*, que tinha lido nas *Novelas*.

A terceira sorte de homens que vivem no *erro* são aqueles que pensam e discorrem com acerto em muitas coisas que lhes ocorrem; mas por que não querem instruir-se de muitas circunstâncias e propriedades das coisas que percebem e que sabem, muitas vezes se enganam, e ficam voluntariamente sepultados na ignorância. Quando se descobriram as Ilhas Marianas no mar Pacífico, os seus habitantes tinham para si não haver mais terra no mundo, nem habitantes pelo que viam, e pelo que ouviam, julgavam verdadeiramente: mas faltando-lhes os conhecimentos que têm hoje a maior parte dos homens civilizados, todos sabem que erravam.

Assim que não basta para evitar o *erro* e a *ignorância*, julgar com acerto da coisa que percebemos clara e distintamente, é necessário conhecer ao mesmo tempo todos os seus lados, a conexão que têm

com os mais, e as suas propriedades. A origem deste engano provém ordinariamente de estar reduzido um homem a uma só companhia; ler só um livro, ou uma sorte de livros; não querer por hábito, ou por capricho, e o mais ordinário por preguiça, adquirir novos conhecimentos. Esta sorte de homens é incorrigível, se por desgraça alguns bons sucessos confirmaram o seu acanhado modo de pensar. O Mercador que mandou por exemplo mercadorias à Ilha da Madeira, e que ganhou naquela viagem aquilo que esperava; continuará naquele comércio, desprezando o do Brazil, ou receando os riscos, apesar da fama de ser mais lucrativo. O Médico que adquiriu uma vez um certo e rasteiro método de curar com sangrias, água de Inglaterra, soro de leite, se for bem sucedido com trinta enfermos, não quererá estudar, nem saber mais: dirá como o Mercador "acho-me bem; e para que servirá expôr-se a que me suceda mal?" Chama o vulgo a estes homens, prudentes: e são na verdade pusilânimes, & a proporção tem a força do juízo.

Do que vemos, que para evitar o erro, e a ignorância, que para julgar com verdade e acerto, se requer absolutamente que o homem julgue por si, e intimamente, depois de estar instruído, & ter limpado do ânimo aquelas noções falsas ou viciosas que contraímos na educação, nas companhias, e nas leituras que amamos, ou que estimamos. Este hábito de pensar assim, e discorrer, não se aprende por preceitos nem por regras: aprende-se pelos actos repetidos e continuados, mostrando o Mestre o caminho do que é verdadeiro, ou falso. Nenhum Geómetra versado na estática de Borello, poderia dançar sobre uma corda por força dos preceitos daquela ciência: um homem rude e ignorante faz todos aqueles movimentos com destreza, ar e graça, que admira, e atemoriza: e foi a causa desta maravilha somente a repetição dos actos, a continuação por toda a vida desde a meninice, sem perder dia algum neste exercício.

Nesta consideração é que proponho se estude a Lógica, não somente aprendendo os preceitos que estão excelentemente escritos no Livro citado «*Initia Doctrinae solidioris*» mas também pela prática. Eu desejara que o Lente da Lógica a ensinasse practicamente tão bem como se ensina a Retórica. O verdadeiro Mestre desta Ciência escolhe uma oração de Cícero ou uma narração de Tito Lívio, ou uma vida de Cornélio Nepos, ou a de *Agricola*, e faz notar nestes Autores aos seus discípulos, aqueles períodos oratórios, a propriedade das palavras, as expressões figuradas e metafóricas, aquele valor que tem a disposição do discurso, a ordem, e a série da narração na escolha das palavras e dos conceitos, aquela variedade do estilo e das palavras, proporcionadas à diversidade do sujeito; umas vezes simples, e humilde;

outras sublime, e abundante. Nos mesmos Autores desejava eu que se ensinassem practicamente os preceitos da Lógica: o que era o *sujeito*, e o *predicado*: o que são as *premissas*, e a *conclusão*; o que é o *Silogismo*, e o *Entimema*; o que se entendia por género, e espécie, propriedades, acidentes, modos: Ali mostraria o nexa das proposições, as propriedades da boa definição, e por que um Silogismo é falso ou verdadeiro; das ideias claras, distintas, evidentes, confusas, singulares, e universais. Imitando aquele modo de analisar os escritos, de que usou Heineccius *Fundamenta styli cultoris*, da edição de Leipsig 1756, e aplicar este artifício para ensinar esta Lógica prática.

João Locke no Tratado citado acima diz "o fim da educação da mocidade, não é para saírem perfeitos em ciência alguma, é somente para abrir-lhes o entendimento, e ficarem com as luzes necessárias para aprender aquela a que se qui serem applicar. A Lógica não é ciência; mas deve ser um instrumento para adquiri-la, e para compreendê-la. Muitos Mestres da Retórica, e da Lógica, não só no tempo de Pedro Ramus, mas ainda nos nossos, não somente na lição dos lugares mais célebres dos Autores clássicos fazem observar aos seus discípulos os preceitos da Retórica e da Lógica, mais ainda todas aquelas paixões da vida civil; acostumando-os deste modo a serem já cidadãos, ainda mesmo no tempo do ensino das aulas. Depois de explicarem uma Oração, ou Carta de Cícero, informam o discípulo se o Autor quando escrevia, por exemplo, aquela Carta dizia o que sentia, ou se fingia; se estava com ânimo agastado, alegre, agitado, temeroso, ou desesperado; se vingativo, ou pacífico; se amante da pátria, ou seu inimigo; em que tempo fora escrita; em que estado estava a República.

Mas sobretudo o que faz admiravelmente formar o juízo dos estudantes é obrigá-los a escrever discursos das matérias que já compreendem, e fazer neles mesmos o Mestre notar os erros e os acertos na Retórica, na Lógica, e nas ciências em que estiverem escritos; substituindo este modo de ensino continuado a aqueles ridículos exercícios de *argumentar*, *representar*, e *declamar*.

Se os Lentes das Universidades, tanto de Filosofia como de Medicina e de Jurisprudência, fossem consumados nesta Lógica de que tratamos, e naquella arte crítica que ilustra e engrandece o entendimento, persuado-me que todos os seus discípulos sairão da Universidade, pelo menos, com aquele dom de conhecer o sólido ou o mal pensado de qualquer discurso ou composição.

Digno de immortal memória será sempre o grande Boerhaave por haver fundado a Medicina em princípios demonstráveis. Mas no que me parece superior a todos os Lentes, foi neste ensino que desejamos, e

que inculcamos ver praticado na Universidade Real: explicava este grande homem as suas *instituições* de Medicina, e os seus *Aforismos* de viva voz, sempre na Língua Latina: não se continha a sua explicação a ensinar somente a ciência que professava, mostrava o método que seguira para compôr tal, e tal Capítulo; em que estado estava tal matéria, ou ponto científico, quando entrou a indagá-lo, e a escrevê-lo; e de que modo veio achar o que ensinava: Narrando este modo de compôr mostrava a ciência do método, e a mais excelente Lógica: não perdia momento para notar a propriedade da palavra; rejeitando as bárbaras, e indicando as legítimas, nas Línguas Latina, Grega e Hebraica. Nunca deixou de citar os excelentes pensamentos dos Poetas, Oradores, e Filósofos: o que fazia nascer um ardente desejo de saber a antiguidade, e de aproveitar daquella doutrina: de tal modo que ouvir uma lição daquellas era sair o juízo capaz não só de compreender a doutrina que se ouvia, mas muitas mais ciências. Foi felizmente dotado de bela e varonil presença, de canora voz e muito agradável, de gesto a quem se não podia negar o respeito, e que se acrescentava ao passo que se ia ouvindo.

Se os discípulos tiverem tais Mestres, feliz será o Estado onde nascerem. Sejam estes os Portugueses!

Da Filosofia Moral

Entra a Filosofia Moral no ensino deste Colégio, como parte essencial da doutrina que convém a cada um, e a toda a Sociedade. Nas escolas da Filosofia Escolástica foi tão desconhecida esta ciência, que apenas sabiam as definições os Estudantes. Mas nem os Mestres, nem os examinadores ensinavam, nem perguntavam a mínima porção desta doutrina, apesar que se jactassem que ensinavam a Filosofia de Aristóteles, tratou esta ciência tão útil e tão profundamente, que se duvida se não é o principal Tratado que temos deste Filósofo.

A Filosofia Moral é aquele conhecimento que temos da conservação de cada indivíduo, de que se compõe a Sociedade civil. As primeiras que houve no mundo parece que se formaram pelos filhos, netos, genros, noras, e sogras; os Pais, os Avós, os Bisavós foram os Governadores destas famílias, e destas Sociedades. A necessidade que tem todo o homem desde que nasce do *socorro* e da *ajuda* dos seus semelhantes obriga, e é obrigado cada um cuidar tanto pela sua própria conservação, como pela dos que o socorriam, ou poderão socorrer.

Desta *necessidade* indispensável que temos de socorro alheio, resulta a obrigação inviolável que devemos ter para conservar os mais com quem vive-

mos, ou poderemos viver em sociedade. Aquele entranhável amor dos Pais para com seus filhos são estas vozes da conservação própria, são estas vozes do socorro alheio: sem pensarem, sem discorrerem nesta necessidade de socorro, desvelam-se para conservar o fruto do seu amor, e do seu carinho. Este mesmo princípio da conservação própria foi a origem das Sociedades, das Repúblicas, dos Reinos, e dos Impérios: do cuidado da conservação veio a defesa própria, veio a guerra, e aquele desejo ambicioso de vencer, e de dominar. Para viverem mais seguros dos assaltos dos animais ferozes e dos homens, uma ou muitas famílias se juntaram, e se uniram em sociedade; elegeram o mais ousado e valeroso para governá-los, que era o mesmo que defendê-los, e conservá-los.

Desta conservação própria e defesa resultaram as leis civis de cada Estado, as Leis Políticas, e o Direito das Gentes: e fora bem útil a cada súbdito, e a cada Estado onde nasceu, que não só estivessem plantados na alma os princípios referidos, mas ainda os conhecimentos seguintes. Antes que o homem seja cristão, já está entre o número dos súbditos da República onde nasceu: necessita do seu amparo, e da sua defesa. Dispense o Estado não só nestes socorros, mas também em tantos estabelecimentos para ser educado, e para adquirir um estado de vida que lhe sirva por toda ela com alimento, com honra, e com a segurança da propriedade. Se qualquer fosse instruído na primeira idade nestas obrigações com que nascemos, e como seria para nosso próprio proveito tudo aquilo que obrássemos para a utilidade e aumento do Estado, é certo que não conheceríamos tanta desordem na vida civil.

Não se pretende que a Filosofia Moral seja a doutrina comum de todas as Escolas; o que é mais para desejar, do que esperar se veja executado: mas que o seu ensino seja essencialmente necessário neste Colégio que propomos, é indubitável. Porque de outro modo um Médico, um Jurisconsulto, um Magistrado, e um Militar, Governador, ou General, sem esta sorte de Filosofia, sem este vínculo da Sociedade civil, e sem a ciência da sua conservação, seriam tantos Jornalheiros daquelas Ciências que exercitam, e incapazes de merecerem as honras que lhes são devidas.

Se a Filosofia Moral deve preceder a Jurisprudência e a Medicina?

Todos sabem que na Universidade de Coimbra é permitido a qualquer Estudante matricular-se na Facul-

dade de Leis e do Direito, sem ter aprendido Filosofia; o mesmo se observa na maior parte das Universidades Católicas. Não nos deteremos neste lugar de insinuar as causas desta disposição: somente direi que como ditas Faculdades estão fundadas na *autoridade* e não na Filosofia, (do modo que ali se ensinam) não acharam necessário os Legisladores de obrigar aos que as haviam de estudar, aprender os fundamentos desta Ciência.

E portanto todos confessam que a origem da Jurisprudência provém da Filosofia Moral: trata das Leis da Natureza, da Consciência, das obrigações, dos contratos; do domínio, e dos vários modos de adquiri-lo, e de trespassá-lo; do decoro nas acções, &c. Entra o Estudante a ouvir a explicação das Instituições de Justiniano, estuda os melhores comentadores; aplica-se com cuidado a compreender aquele Labirinto das Pandectas e do Código, e é força que a cada passo sinta a sua ignorância, e que pare a cada passo naquela laboriosa carreira.

A inteligência e o uso destas Leis supõem, que quem as quiser entender esteja instruído na *Geografia*, na *História Grega e Romana*, nas *Antiguidades Romanas*, e principalmente na *Filosofia Moral*, e com especialidade na doutrina dos Estóicos, que seguiram a maior parte dos Jurisconsultos antigos. Apelo para os Lentes desta Faculdade, e persuadome que convirão comigo, que se quando entrassem a estudar esta Ciência, estivessem instruídos nos conhecimentos indicados, que poupariam muito tempo e muito trabalho, que empregaram para adquirir o que sabem.

Sai portanto o Estudante da Universidade, formado na ciência que apenas entendeu: resolve ser Advogado, ou seguir as varas: depositarão nas suas mãos os Compatriotas as suas vidas, honra e fazenda, julgadas que serão pelas Ordenações do Reino, e este é um livro que nunca estudarão nem verão na Universidade. Se as entendessem sem os conhecimentos que apontamos neste papel, seriam bem felizes aqueles que se põem debaixo do seu patrocínio. Mas como será possível entender as Leis Municipais de uma Monarquia que descendeu dos Suevos, dos Visigodos, dos Reis de Castela, sem saber a História, nem ainda a *Geografia* da sua pátria estendida pelas quatro partes do mundo? Onde aprendeu este Advogado, ou Magistrado que vem a ser Conselheiro e Ministro Estrangeiro, o que é o Estado, a sua indivisibilidade? Que sabe ele o que são os bens da Coroa, e os do Fisco? quais são as Regalias, e os Direitos da Majestade? que foram as Cortes? que é o Direito Canónico, a sua origem, o poder que tem e deve ter no Reino? É certo que não tendo estudado a História Profana, a Sagrada e a Eclesiástica, não sabendo

em que parte do Globo estão os Domínios de Portugal, não é crível que possam entender as Ordenações: e todos confessarão portanto que seriam necessários estes estudos ao Letrado, e que não os aprendeu na Universidade onde se formou.

Deixo à consideração de quem tiver a peito a felicidade do Estado, se não será indispensável que todos aqueles que se destinarem a estudar a Jurisprudência sejam obrigados a estudar por dois ou três anos no Colégio proposto, antes de se matricularem nesta Faculdade?

No que toca à obrigação que têm os Médicos de aprenderem e observarem os preceitos da Filosofia Moral, não tenho mais que representar ao Tribunal Académico o livro de *Hipócrates de Honestate*. É principalmente comentado por *George Matthias* com este título, *Tractatus de Philosophia Medici, Gotingæ*, 1740, 4.º. É indispensável a necessidade que têm todos os Médicos destes conhecimentos, como proponho aprendê-los pelo livro tantas vezes mencionado, *Initia Doctrinæ solidioris*: estes estudos lhes servirão mesmo para serem felizes na sua arte, e para espalharem estes preciosos conhecimentos pela Sociedade, como insinuei nos *apontamentos para formar uma Universidade Real*.

Do Estudo da Física geral e da experimental

Não somente os Médicos necessitam possuir a Ciência da Física geral, mas também todos aqueles que se aplicam às Ciências e às Artes. A Náutica, a Arquitectura, Arte Militar, a Jurisprudência Civil e Política tem os seus principais fundamentos nesta Ciência: além disso necessitamos dela em quase todas as ocorrências da vida. Todos os antigos aconselham este estudo; e dizia Cícero, que se soubéssemos as operações da natureza, que não seríamos supersticiosos, que não temeríamos a morte, que nos não perturbaríamos¹⁷. A *História Mundi de Plínio Segundo* compreende esta Ciência: é a História do Universo: trata do sistema dos Planetas, do lugar das Estrelas fixas, dos Cometas, dos quatro Elementos, das várias Terras, Sais, Minerais, Metais, Plantas e Animais: esta Doutrina abreviada se poderá aprender no Livro *Initia Doctrinæ solidioris*, e com especialidade no *Systema Naturæ Caroli Linnæi*, do qual há várias edições, sendo a última a décima impressa

¹⁷Omnium autem Natura cognita, levamur superstitione, liberamur mortis metu, non conturbamur ignoratione rerum, e qua ipsa horribiles existunt sæpe formidines. Denique morati melius erimus, curio didicerimus quæ Natura consideret, Lib. 1. cap. 9 *De Finibus bonorum & malorum*.

em Estocolmo. Podem-se ver os Autores que tratam dela no livro tantas vezes citado *Hermanni Boerhaave Viri Summi, sive Præceptoris Methodus Studii Medici, emaculata & accessionibus locupletata ab Alberto Haller. Tom. 2 Amstelodami, sumptibus Jacobi a Wetstein 1751. 4.º*.

O objecto da *Física Experimental* é indagar as propriedades de cada corpo pela simples observação, ou pelos socorros que nos dão a Química, e as Matemáticas. Necessita o Médico aprender com especialidade esta doutrina, antes que comece a aprender o que é o corpo humano: a *Impenetrabilidade*, a *Extensão*, a *Inação*, o *Repouso* ou *Inércia*, são os atributos gerais de cada corpo. As cores, o frio, o calor, o cheiro, a dureza, a brandura, &c. são as qualidades, as quais podem faltar, ou persistir nos corpos, sem se destruir. Depois de tratar destas propriedades trata também do seu *movimento*, da Natureza, e dos efeitos dos quatro Elementos, da Óptica, &c. Não necessito entrar na necessidade nem na utilidade deste ensino; parece-me que satisfarei cabalmente, se indicar e persuadir que se ensinasse neste Colégio esta Ciência pelo livro *Elementa Physicæ conscripta in usus Academicos a Petro Van Musschenbroek. Lugd. Batav. apud Samuel Luchmans 1741. cum fig.* Para o uso dos Mestres poderia nomear muitos mais Autores, escritos nas Línguas Latina, Inglesa e Francesa; mas não faria mais que copiar o comentário de Alberto Haller, o tratado *Methodus Studii Medici Boerhaave*, citado acima: e como estou persuadido que todos os amantes da Física e da História Natural adquirirão este excelente livro, espero que não pretenderão de mim o Catálogo dos Autores desta Ciência.

Do Estudo das Humanidades, da Antiguidade Grega e Romana

Nenhum Médico, Jurisconsulto, ou Teólogo foi célebre na sua arte, se não teve o entendimento ornado com o estudo das humanidades: aquele desejo de saber, aquele gosto que se sente lendo os escritos da Eloquência e da Poesia, são outros tantos estímulos de engrandecer o juízo, de conhecer a verdade, de observar em todas as acções o decoro, e a regularidade: de tal modo que todas as mais Ciências práticas adquirirem maior extensão e energia pelo exercício destes estudos amenos. É certo que o fim de todos os estudos deve ser informar o ânimo de tal modo, que fique capaz de obrar acções excelentes na profissão que escolheu, ou saber escrevê-las, e que incitem a quem as ler, obrar outras semelhantes. Sem que o

Médico, e o Jurisconsulto saia da Universidade com este dom, pouca utilidade retirará o Estado do seu ensino: serão tantos obreiros de Medicina, e de Jurisprudência, mas não serão Médicos, nem Letrados, nem Magistrados.

Muitos, sei eu, que vão passar alguns anos nas Universidades, principalmente os Morgados, não com outro intento do que aprender aquele trato civil e cortesão que se aprende na companhia, e no trato dos homens civilizados, nascidos nas cortes, ou nas cidades mais populosas: estes são os que ordinariamente servem de obstáculo àqueles que se aplicam aos estudos; como não há Mestres de Humanidades, e daqueles estudos das Línguas, e outros mais agradáveis, como são da Poesia, da História, e das Antiguidades Pátrias, Romanas, Gregas e Egípcias, passam aquele tempo para adquirirem o hábito do ócio, e todos os mais vícios que traz consigo o ânimo desocupado.

Daqui vem que voltando para casa de seus Pais, e que chegam a estabelecer-se, ou nos Cargos públicos, ou no estado de Cidadão, que comunicam aquela vida ociosa e inconstante a toda a vila ou cidade que os conhece: porque é certíssimo, que os povos imitam todas as acções que vêm obrar aos senhores e possuidores das terras.

Assim que o fim de todos os Estudos deve ter por alvo, a instrução nas Ciências e na virtude, que se deve aprender na Universidade; e não se poderá tomar melhor caminho para alcançar este fim, do que empregar-se a mocidade nestes Estudos amenos das Humanidades. Nos Apontamentos que tenho escritos para formarse uma Universidade Real, trato mais largamente desta matéria.

Não achei Autor mais adequado para satisfazer ao objeto proposto, do que o compêndio das Antiguidades Romanas de Nieuport¹⁸ da edição declarada na margem. Como trata da constituição da República Romana, dos seus Magistrados, da sua Religião, e dos seus Ministros; da Milícia Romana, e da vida particular dos Romanos; do seu Calendário; das abreviaturas que se lêem nas Medalhas, sepulturas e nos Monumentos Públicos, vem a ser o melhor comentário para entender os Autores Latinos, e as Leis Romanas; e o melhor Mestre da Vida Civil: Estudo próprio a todo o cidadão destinado a servir a sua Pátria.

Têm os Médicos tanta necessidade de saberem a Língua Grega e Latina para entenderem Hipócrates, Areteu Capadócio, Cornélio Celsus, e Célio Aureliano; como os Jurisconsultos, da Latina para entenderem as Leis Romanas, nas Pandectas, no Código,

¹⁸Rituum apud Romanos. Editio Nona. Berolini. 1751, 8.º. 3

e no codex Teodosiano, e os antigos Jurisconsultos. Mas estes Autores não se podem entender somente com o simples conhecimento dos Dicionários: será impossível entendê-los, sem a História daqueles tempos, sem os conhecimentos dos seus costumes, da sua Religião, do seu Governo político, e civil.

Relata Pedro *Burmannus*, que João George *Grævius*, seu Mestre, aquele Célebre Professor das Humanidades na Universidade de Utrecht até o princípio deste século, sendo ainda moço, mas já instruído na Língua Latina, e nos Princípios da Jurisprudência, chegara a Leyde, onde ensinava as Humanidades João Frederico *Gronovius*, para continuar nesta Universidade os seus Estudos. Consulta este famoso Professor sobre o método de prosseguir-los; e lhe perguntou logo se sabia bem o *Latim*. Sentiu-se afrontado *Grævius*, e lhe responde não só ousadamente, mas que já tinha começado a Jurisprudência. Não ficou ainda persuadido o Professor e insistindo, continua, *se entendia bem as Epístolas de Cícero?* Oferece-se logo *Grævius* para traduzi-las, e explicá-las. Vem o volume de Cícero, começa já a executar o que prometera. Depois de o ouvir, *Gronovius* lhe diz, *Que sabia a Gramática da Língua Latina; mas que não sabia Latim*. E para convencê-lo, começa a perguntar-lhe a verdadeira significação de cada vocábulo, a sua eficácia; o que procedia dos costumes, dos ritos, e das Leis dos Romanos: e depois de o ouvir *Grævius* ficou persuadido que não sabia o que pensara: ficou estudando com dito Professor por tanto tempo, e com tanta felicidade, que foi o maior Homem neste admirável conhecimento das Letras Humanas, que floresceu no fim do século passado, e no princípio deste. Quem quiser persuadir-se do referido, consulte o livro à margem¹⁹.

Levados da ociosidade em que foram educados muita parte dos que têm crédito na Sociedade civil, julga por supérflua a *Língua Latina*. Porque nas traduções da Língua Francesa, Italiana, e Inglesa achamos tudo que nos pode ensinar a antiguidade. Mas o engano é manifesto: saber a Língua Latina e escrever nela, é o mesmo que ter o juízo ornado com o método, com a História antiga, e o conhecimento da vida civil; o que jamais se adquirirá pelo estudo das línguas viventes.

João Matias *Gesnerus* Professor das Humanidades na Universidade de Gotinga, sabendo bem a importância deste estudo, e que serve de complemento a toda a Filosofia, e a todos os conhecimentos da Natureza, e do Estado civil, juntou num pequeno volume os mais preciosos restos da antiguidade latina, para

¹⁹J. M. Gesneri Opusculor. Minor. tom. 1. Commendatio Epist. Ciceronis ad diversos, pág. 49 & 50. Uratislaviae, 1743, 8.º.

ensiná-los e explicá-los a toda a sorte de discípulos que frequentavam aquela Universidade: publicou este livro com este título, *Enchiridion sive Prudentia Privata ac Civilis. T. Pomponii Attici, M. & Q. Ciceronum, Cn. Julii Agricola, Imp. Caes. Nervae Trajani, à Nepote, Ciceronibus, Tacito, Plinio, descripta, in usum praelectionum Academicarum. Gotingae, apud J. Pelo Schmid. 1745, 8.º*.

Nos monumentos destes excelentes Autores achou Gesnero que deviam empregar uma hora cada dia, todos os que seguissem a Universidade: este estudo é o ensino de bom cidadão, de bom Magistrado, do Governador, dos Pais de famílias, do Amo, e do General; este é o ensino daquela ordem, justiça e regularidade que requer o estado onde vivemos; obrando tudo com utilidade própria e da mesma Sociedade. Ao mesmo tempo fica o juízo ilustrado com o saber e elegância daqueles Autores. Se felizmente houver Mestres que conheçam a importância destes estudos para a utilidade pública, e houver tais Leis Académicas que alentem estes exercícios, ficarei satisfeito de ter indicado este *Enchiridion*, como os mais Autores que tenho indicado para o ensino destas Escolas.

Mas já considero nas objecções que me farão aqueles acostumados a julgarem pelas ideias do vulgo: dirão que será impossível que um Estudante possa cada dia ouvir seis Lentes, cada um ensinando matéria diferente: que se confundirá, e que por último virá perder o seu tempo, e que ficará incapaz de prosseguir estudo algum. Como será possível, dirão estes fautores da preguiça, que um rapaz ouça a primeira lição da *Aritmética* e *Geometria*; a segunda, da *Geografia* e *História*; a Terceira, da *Filosofia Racional e Moral*; a quarta, da *Filosofia Natural e Experimental*; a quinta, das *Antiguidades Romanas*, e *explicação de alguns Autores Romanos*; e a sexta, da *História Filosófica*?

Como Quintiliano respondeu já a esta dificuldade²⁰ parece-me supérfluo dilatar-me a convencê-los. Se houver Mestres tão bem instruídos, se forem tão doutos como requer o seu cargo, se ensinarem com *ordem, tempo, e amor*; se descerem daquela imperiosa autoridade que têm por desdouro, perguntarem aos seus discípulos o que lhes convém para entenderem o que lhes ensinam, estou certo que não se confundirão ouvindo seis ou sete lições cada dia: porque todas estas Ciências têm alguma conexão entre si; e será impossível perceber uma delas separadamente, sem ajuda das demais.

²⁰Cætero vero, etiam si ætatem nostram, non spatio se-nectutis, sed tempore adolescentiæ metiamur, abunde multos ad sciendum annos habent: Omnia enim breviora reddet, ordo, & ratio, & modus; sed clupa est præceptoribus prima, qui libenter detinent quos occupaverunt, lib. 12, cap. 1.

Outras maiores dificuldades me retinham para acabar o que proponho neste Colégio, quando com a maior felicidade da Pátria e dos fiéis e amantes súbditos, SUA MAJESTADE FIDELÍSSIMA foi servido pela sua Augusta Munificência, e Piedade Paternal, mandar restabelecer o *Colégio dos Nobres*, com *Estatutos* tão adequados à facilidade dos seus dilatados Domínios, que nem podiam esperar maior aumento à sua felicidade nem maior galardão aos seus serviços. Nos títulos VII, VIII, IX, X e XI destes *Estatutos* impressos neste ano de 1761, está decretado o ensino da História Filosófica, da Lógica, da Geografia, Cronologia, da História, das Matemáticas Elementares e das Transcendentes, da Arquitectura civil e Militar, da Física Geral e da Experimental; Estudos públicos desconhecidos até agora em Portugal. Estas Reais Ordens me animam agora a persuadir-me que não encontrará obstáculo algum o Colégio que proponho, como parte constituinte da Universidade Real, que tinha ideado, para servir de Seminário das Letras e da Virtude, que S. Majestade Fidelíssima tem promovido já com Real Grandeza na Instituição das Escolas Públicas, e na do Colégio dos Nobres ultimamente.

Do Estudo da Medicina

Sempre a Medicina seguiu os passos da Filosofia, e da Física; sempre esta seguiu a felicidade dos Impérios e das Repúblicas: se nos monumentos destas ciências não constasse evidentemente esta verdade, seria necessário patenteá-la, para me livrar da calúnia, que me imputariam aqueles que reprovam tudo aquilo que não conhecem. Ao mesmo tempo que foi seguida a Física de Tales Milésio, de Anaxágoras, e de Demócrito, floresceu a Escola de Cós, a de Cnidos, e a de Rodes, por que floresciam no poder, nas Leis, e na Filosofia as Repúblicas da Grécia. Ao mesmo tempo que floresceu o Reino dos Ptolomeus, floresceu também a Escola de Alexandria com Físicos, Matemáticos e Médicos: mas logo que foi dominada pelos Romanos começou a diminuir daquele lustre, e a ver o seu ocaso no tempo dos primeiros Califas. Só com boas leis que defendem a propriedade dos súbditos de cada Estado, que promovem a liberdade, que incita ao trabalho e à industria, é que nasce a verdadeira Física, e por consequência a Medicina. Se faltarem em qualquer República estes arrimos, se faltarem estes poderosos fundamentos da conservação, e do aumento do Estado, em lugar da verdadeira Física e Medicina, brotarão nela todas as extravagâncias da Filosofia escolástica, e toda a ignorância do Empirismo. A História dos Imperadores de Constantinopla, e dos do Ocidente, a História dos

Árabes, e aquela da Europa desde a restauração das letras, provam tão claramente o que acabo de referir, que ninguém levemente instruído nelas, terá a menor ocasião de duvidar.

Foi consequência necessária que sua Majestade Fidelíssima ordenasse escrever do melhor método de ensinar e aprender a Medicina, quando pelos seus augustos Decretos ordenou a restauração das Línguas douradas, e das Humanidades, o estudo da História Filosófica, da Física demonstrada por experimentos, e das Matemáticas Elementares, e Transcendentes. Como todos os seus súbditos invocam do íntimo do coração o Supremo Deus conserve, preserve, e defenda uma Vida, e uma Saúde tão preciosa, tão benéfica aos Naturais, como respeitada dos Estrangeiros, bem se poderão todos persuadir dos justos motivos que os anima para duplicarem os seus fervorosos votos pela sua Augusta Prosperidade. O haver reclamado os direitos da Majestade, animar o trabalho e a indústria como fundamentos da virtude: decretar as Leis que defendem a propriedade: fundar com tão alta providência Escolas para a verdadeira educação da mocidade dos seus Reinos; é força que entrasse nestas Reais Ordens, aquela que se estabeleça uma arte tão indispensável, e tão útil para o bem e conservação da vida, e da saúde dos seus súbditos.

E se fosse possível que o desejo, que me anima para obedecer, e executar as Reais Ordens de S. Majestade, igualasse ao verdadeiro e ao útil que determino escrever, ficaria satisfeito, que ainda neste ocaso da minha vida pude contribuir para executar os seus piedosíssimos intentos.

I

Não somente a teoria da Medicina, mas também a sua Prática, estão hoje reduzidas ensinarem-se na Universidade: ou que a de Coimbra fique Régia, e Pontifícia, ou Régia somente, como disse em outro lugar, requer o estudo desta ciência que se ensine em um Colégio separado das suas aulas, ou Gerais. Por que este Colégio deve constar dos Estabelecimentos seguintes:

1. De um Hospital com trinta até cinquenta camas.
2. De um Teatro Anatómico; e de lugar para as preparações anatómicas.
3. De um Jardim espaçoso para a cultura das Plantas e Árvores, com algumas salas onde estarão os Repositórios da História Natural.
4. De um Laboratório Químico.
5. De uma Botica.

Sem os quais Estabelecimentos bem servidos e administrados, será inútil toda a reforma que se fizer nos estudos da Medicina actual. Já se vê que todos os referidos estabelecimentos requerem Lentes e Leitores, como de alguns Estudantes internos para ajudarem os seus Mestres nas suas obrigações Académicas: necessariamente devem ter domicílio no mesmo Colégio, porque o Lente de Anatomia necessita de duas ou três horas para preparar as partes do cadáver que há de demonstrar na sua lição; como também o da Química: de tal modo, que se não habitarem junto destes estabelecimentos, será impossível que possam servi-los com utilidade pública. Qualquer Colégio velho, ou moradas de casas juntas concertadas poderão destinar-se ao uso referido.

II— Dos Lentes do Colégio de Medicina

O número dos Lentes do Colégio de Medicina deveriam ser quatro; e com obrigação de lerem duas horas por dia: e para que mais facilmente se conheçam as matérias de Medicina que haviam de ensinar, e em que horas, tanto no Verão como no Inverno, manhã, e tarde, porei aqui a tabuada, no intento que de uma vista se conheça o que vou propondo. Como os cursos da Universidade deviam ser de um ano inteiro, ou pelo menos de onze meses (o que se verá mais largamente nos Apontamentos para formar-se uma Universidade Real) dividi os estudos nas lições de Inverno, que começarão no mês de Outubro, e nas do Verão, que começarão no mês de Abril, do modo descrito nas tabelas 1 e 2

Pouco importará que se ensinem nas horas determinadas acima as partes da Medicina que proponho, com tanto que se ensinem com a maior vantagem possível a favor dos Ouvintes. Se os Lentes tiverem a peito o bem público facilmente se acordarão entre si nesta direcção.

Do Hospital.

Se sua Majestade Fidelíssima for servido pela sua Augusta Providência ordenar que saiam a aprender alguns Estudantes a Medicina nos Hospitais da Universidade de Bolonha, e particularmente na de Edimburgo, seria, poderá ser, supérfluo o que determino notar nesta matéria. O meu intento é que os Estudantes destinados a esta ciência comecem a frequentar o Hospital, uma ou duas vezes por dia, pelo menos, desde o primeiro dia que entrarem a aprender a Medicina: é também, o meu intento que todos aprendam no mesmo Hospital a *Cirurgia prática*, sangrar, fazer

Tabela 1: Lições desde o princípio do mês de Outubro até o fim do mês de Março.

Manhã	Das 7 até às 8, lição no Hospital, Das 8 até às 9. Cirurgia Prática, Anatomia, Hospital, Das 9 até às 10. Química, Das 10 até às 11. História da Medicina,	o Lente A o Lente B o Lente C o Lente D
Tarde	Da uma até às 2. Os Aforismos de Boerh. Das duas até às 3. Anatomia, Cirurgia Prática, Das 3 até às 4. Matéria Médica, Química,	o Lente A o Lente B o Lente C

Tabela 2: Lições no Verão desde o princípio do mês de Abril.

Manhã	Das seis ou das 7 até às 8. Botânica, Matéria Médica, Das 7 ou 8 até às 9. Hospital, Das 8 ou 9 até às 10. Institutiones Medicinæ Boerhaave, Das 9 ou 10 até às 11. História da Medicina,	Lente C Lente A Lente B Lente D
Tarde	Das 3 ou 4 até às 5. Aforismos de Boerh. Das 4 ou 5 até às 6. Instituições de Medicina Boerh. Das 5 ou das 6 até às 7. Matéria Médica, Farmácia,	Lente A Lente B Lente C

as operações Cirúrgicas, saber aquelas das ataduras; do mesmo modo que todo o Médico deve saber dissecar um cadáver, destilar um espírito vegetal, ou mineral, assim deve saber curar uma ferida, e fazer uma operação, por exemplo da hérnia, ou com o trepano.

É o que vou demonstrar, fundado no que tenho lido e no que experimentei nesta arte por muitos anos.

Os Lentes marcados na tábua acima A. B. deviam ser os Lentes da prática da Medicina, e Cirurgia prática neste Hospital: deviam explicar os sinais, causas, e indicações das enfermidades na Língua Latina, depois de se informarem na materna dos enfermos, da causa da sua doença. Na intenção que os Estrangeiros que vieram aprender, entendam a sua doutrina: poderão seguir, e queira Deus que imitem neste modo de ensino a Boerhaave. Pode-se ver e estudar no Segundo Volume da Praxis Medica seu *Commentarium in Aphorismos Boerhaave de cognoscendis & curandis morbis. Trajecti ad Rhenum (Utrecht) apud Petrum Muntendam & socium 1743. val. V. forma octava. pag. 321*²¹. Ali verão de que modo este grande Homem ensinava a prática no Hospital de Leyde diante dos enfermos, e como este ensino

²¹Esta obra não é legítima de Boerhaave: os seus discípulos escreviam o que ouviam de seu Mestre, e compuseram esta obra; da qual esta edição é a mais correcta, havendo outras com insuportáveis erros.

não foi imitado pela maior parte das Universidades, exceptuando a de Edimburgo, e de algum modo a de Bolonha.

Este mesmo Lente da Prática seria o mesmo que explicaria o livro *Aphorismi de cognoscendis & curandis Morbis, Herm. Boerhaav. Lugdun. Batavorum, 8.º 1737*²². Não convém ao estudo desta ciência, que a sua prática seja exercitada por um Lente no Hospital, e a sua doutrina Científica por outro na cadeira: todos compreenderão facilmente que deve ser a mesma pessoa.

Do mesmo modo o Lente B de Anatomia devia ser aquele que na cadeira ensinasse a doutrina Cirurgia, e das operações: e no Hospital devia operar, abrindo abscessos, cortando e abrindo o que ordenasse esta Ciência: erradamente se dá esta incumbência aos Cirurgiões. Este Lente havia de ser Médico daquela Classe de Fabricio ab Aquapendente, de Severin, de Heister, de Albin, de Monroe, e de João Douglas, todos doutíssimos Lentes, Médicos, e Cirurgiões.

Cada um destes Lentes guardaria um Jornal de cada doença, no qual se assentaria o nome do enfermo; o número do leito; o nome da doença, no fim ou no princípio da História dos Sinais; os remédios que se lhe ordenavam; o êxito da doença. Cada qual

²²As edições anteriores a esta em Leyde são diminutas. Aquelas de Paris, de Veneza, e de Turim, como da Matéria Médica são erradíssimas.

o poderá guardar a seu modo, e que sirva para o aumento da Ciência, e utilidade dos estudantes. Eu di-rei de que modo o guardei como Médico Prático (não como lente) no Hospital do Colégio dos Nobres Mi-litares de Petersburgo no Império de Rússia por três anos.

Tomava um livro branco com as páginas numera-das com Índice Alfabético, à imitação daqueles dos Mercadores, e que levava na mão com o tinteiro um Cirurgião Aprendiz, quando entrava a visitar os meus doentes.

Entrava na Enfermaria, notava um novo enfermo: perguntava-lhe o nome. O Aprendiz ouvindo que se chamava, por exemplo *Anselmo*, assentava na letra A do Índice aquele nome, e de frente o número da pá-gina do livro que estava branca. Na parte esquerda desta página descrevia assim, e na direita os remé-dios, como ilustra a o exemplo 1.

Ordinariamente se o Aprendiz sabia latim eu di-tava só o que se havia de escrever no livro; e deste modo escrevia para cada enfermo, e o êxito da do-ença. E se morria, e abria o cadáver, o que era ordi-nário, no mesmo livro assentava o que achara nele.

Este livro servia para regrar o Cirurgião o que de-uvia fazer: regrava o Boticário, a quem se mandava a cópia da receita com o n.º da cama, e dia do mês: regrava-se a cozinha, a quem se mandava também o n.º da cama, e o nome da sala ou quarto. Este Hos-pital foi a melhor escola que tive de prática, e os Ci-rurgiões aprendizes aroveitaram de modo que eu me admirei muitas vezes do conhecimento que tinham adquirido em tão pouco tempo. Em minha ausência tinham obrigação de assentar no Jornal os sintomas que observavam de dia, ou de noite.

Se os Estudantes de Medicina deveriam frequentar o Hos-pital desde que entrassem a aprender esta Ciência?

Prevaleceu o costume de não frequentarem os Estu-dantes o Hospital, senão nos últimos anos, quando têm já aprendido os princípios da Medicina. Os Mes-tres das Universidades desde o século XII parece, que para assim se determinarem tiveram os moti-vos seguintes: que os Estudantes não poderiam no-tar os sintomas das doenças, nem das enfermidades, sem terem aprendido os princípios da Medicina: que não entenderiam a explicação das doenças, e muito menos os remeédios simples, ou compostos que en-tram nas receitas: pelo que seria tempo perdido todo

aquele, que praticassem sem Anatomia, Química, Matéria Médica, e as instituições de Medicina.

Se fossem bem fundadas as razões acima seria falso que se aprendem as línguas viventes (e estou certo as línguas doudas) muito melhor pelo uso e exercício, do que pelas regras da Gramática: seria falso que a Música instrumental e vocal, e também a Náutica se aprendem melhor pello uso e exercício, do que pelos fundamentais princípios destas ciências. Mas todos sabem o contrário, e todos o confessam. Não somente os conhecimentos referidos, mas tam-bém a experiência que tenho da Medicina, me obri-gam a assentar "que todo o Estudante destinado a ser Médico deve começar a ver e tratar os enfermos no Hospital, desde o primeiro dia que começar a apre-nder esta ciência".

Pela simples experiência, e pela continuada repe-tição dos actos se aprenderão a Retórica, a Política e a Medicina: houve Oradores, Legisladores e Grandes Médicos, antes que se escrevessem artes da Retórica, da Política e da Medicina. Esculápio, Quiron, Pitá-goras, e outros muitos, foram famosos Médicos, an-tes que Hipócrates escrevesse os seus *Prognósticos*, e os *Aforismos*. Até o tempo de Ptolomeu Filadelfo, que estabeleceu a Escola de Alexandria 285 anos antes do Nascimento de Cristo, todos os Médicos aprendiam a sua arte mais pela prática, do que pelo raciocínio. Afirmo Galeno²³ que os descendentes de Esculápio ensinavam seus filhos a Medicina desde a infância. Alexandre Traliano, aquele Prático tão con-sumado, aprendeu a Medicina, praticando com seu Pai. Deste modo aprendiam a Medicina aqueles tão famosos Médicos Gregos nas escolas de *Cnidos*, das Ilhas de *Cós*, de *Rodes*, de *Esmirna*, de *Cirene Ita-lica*, e de *Crotona*. A História nos ensina esta ver-dade; mas o conhecimento da natureza humana nos persuade aprender as Artes pela prática, aprendendo ao mesmo tempo os seus princípios. Pelos repeti-dos actos em qualquer arte liberal se adquire um há-bito, ou seja de pensar, ou de obrar acções exteriores, que fica o homem apto para exercitá-las com pronti-dão, vivacidade, com graça e um certo jeito, que seria impossível adquiri-las por nenhum ensino, nem por princípios ainda que fossem os mais bem fundados.

Esta faculdade que tem o nosso entendimento de mover o corpo que anima, sem se aperceber, obrando acções tão regulares, tão oportunas, que excedem às vezes aquelas que fazemos com reflexão, adquire-se pela frequência e multiplicidade dos actos: os Antigos a conheceram e aconselharam de adquiri-la pelo exercício, único meio de alcançá-la, e possui-la. Quintiliano lhe chamou faculdade irracional, é

²³(Apud Daniel Le Clerc. Histoire de la Medecine, liv. 2. cap^o2.

Exemplo. 1

ANSELMO pag. 50.

Mayo 3 1736. cama. nº4

Juvenis 20 ann.

Febris assidua sine horrore: lingua alba sordida: capitis dolor; lassitudines; urina rufa sine nebula neque sedimento. Interruptus somnus, sitis.

May 3 mane.

Mittatur sanguis ex brachio ad zx.

+ Decoct. hordei Ibij. sirup. cifro zvi, nitri

Ej m. Victus ex jure carniū cum vegetabilibus parato: potus thé ad libitum.

aquela facilidade de perceber, de julgar, de se determinar em um instante, de combinar os diferentes efeitos, e de conhecer as suas causas: mas estas admiráveis qualidades do juízo humano, só se podem adquirir por aquele que se exercitou continuamente a obrar semelhantes acções.

Peço, e rogo agora que julguem os Médicos Práticos e que têm praticado a Medicina com reflexão e utilidade pública, se não deveriam os Estudantes começar a ver os enfermos do Hospital com os seus Mestres desde o primeiro dia que entrassem a estudar a Medicina? Por aqueles actos continuados de ver uma febre, v.g. *ardente* observaria o discípulo no primeiro dia a cara vermelha, luzidia, os olhos resplandescentes, mas secos, alguma coisa encovados, no branco deles veias vermelhas; a língua seca, áspera, e amarela; ao tacto a pele seca, adurente, áspera; o pulso duro, frequente, e desigual; as urinas acesas, ténues, transparentes: vê que se volta o enfermo continuamente; que se queixa de dor de cabeça, de sede e de aflicção, e que respira ansiado. Este discípulo quando tiver visto estes sinais, e ouvir que se assentam à vista do doente num Jornal, lhe ficarão mais gravados na memória, do que se lesse os prognósticos e as epidemias de Hipócrates, ou a pintura de Areteu Capadócio desta doença. Do mesmo modo se lembraria dos remédios que o Lente ordenaria, do que se os lesse no melhor Autor prático. Bem se poderá considerar que se observar com atenção o curso desta febre até se terminar felizmente, ou pela morte, ou degenerar em outra enfermidade, que lhe ficará impressa na memória de tal modo, que quando encontrar outra semelhante, que lhe poderá aplicar os socorros, que viu foram saudáveis. Além disso, deve-se considerar que se imprime mais na memória tudo aquilo que vemos e que ouvimos ao mesmo tempo. O Mestre explicando, imprimir-se-á mais facilmente esta doutrina, e principalmente continuada cada dia; e muito mais se o Mestre ordenar a alguns dos discípulos por turno observar os sintomas e escrevê-los; perguntando-lhes o que julgam deles.

Por estes exercícios adquire-se uma valentia de ânimo, e grandeza de perspicácia que não se pertur-

bará quando entrar a ver novos enfermos. Aquele agrado e afabilidade tão necessárias ao Médico resultam da serenidade do juízo, bem certo da causa ou da cura da doença; e sobretudo se o Mestre for tão douto como requer o seu emprego com os requisitos dos grandes Médicos, os discípulos assíduos e amantes do saber imbiberão, sem se aperceber, o gesto, a afabilidade e a doutrina²⁴.

Como os Médicos Gregos aprenderam do modo referido esta ciência, essa é a razão que lemos em Hipócrates e Areteu Cappadócio aqueles retratos do corpo humano são e enfermo: observaram os melhores críticos das obras de Hipócrates, que todos aqueles tratados que contêm raciocínios, discursos filosóficos, e a teoria da Medicina que são espúrios; por que os legítimos não contêm mais do que a História do corpo humano são e enfermo. Já do tempo de Plínio se queixaram todos que os Médicos consumiam o tempo em argumentar e disputar, e que devia ser empregado a juntar observações, e operações da natureza²⁵.

Daniel Clerc na História da Medicina (*Part. 2. liv. 2. cap. 6.*) traz uma excelente dissertação, onde se vê claramente que a Medicina se devia aprender pela experiência, e ao mesmo tempo informar-se o Médico dos princípios desta arte. Os que duvidarem deste modo de aprender, consultarão este excelente livro da edição da Haya, 1729.4.^o.

Considere o Médico Prático, antes de julgar do que venho de propor, quanta dificuldade lhe foi necessário vencer para escrever uma receita, indicada pelo conhecimento dos sintomas; considere quantas vezes, no princípio da sua prática, se assustou, perturbou, e perdeu a memória de tudo que tinha lido, à vista de *uma cholera morbus, de convulsões, de um fluxo de sangue, principalmente pela boca?* Via-se obrigado a socorrer o enfermo; nada lhe ocorria, mas era necessário escrever a receita, e escrevia mil desatinos, cometendo os mesmos quando ordenava

²⁴Frequens imitatio transit in mores. Quintil. Lib. I, capo II. edito Gesneri.

²⁵Lib. 20, cap. 2. Sedere namque in Scholis, auditioni operatos, gratius, &c.

a dieta, a cama, e o lugar: se estivesse acostumado a ver estas queixas com um Médico experimentado que tratasse diante dele aqueles enfermos, quem duvidará que não se assustaria à vista daqueles sintomas medonhos.

E se por desgraça minha, e da humanidade, houver ainda Médicos que contrariem este método de aprender no Hos pital, deitar-me-ei nos braços da Providência, que permite os males, para que resultem bens que nos são muitas vezes desconhecidos.

Do Estudo da Cirurgia Prática neste Hospital da Universidade

Valha-me a intenção do Romano *Quinctius* que queria antes malquistar-se com os seus cidadãos, com tanto que ficassem vitoriosos, do que agradar-lhes, e lisonjeá-los²⁶. Bem sei quantas contradições, quanta indignação, e de quanta temeridade será notado e acusado o parecer que proponho, e que insisto se execute, *que todos os médicos devam aprender a cirurgia prática na Universidade; e sabê-la tão bem que a praticassem*; da tal modo, que se extinguisse esta classe de homens com nome de *Cirurgiões*.

Condenem-me os protectores do Costume, mas ouçam-me primeiro, e também a todos aqueles excelentes Médicos da antiguidade, e dos nossos tempos, que são as minhas guias, e Mestres nesta proposta.

Se considerarmos o curso da natureza humana, exposta a procurar o necessário para conservar-se e alimentar-se, defender-se das injúrias do tempo, e da violência dos animais vorazes, veremos que teve necessidade dos socorros da Cirurgia, muito antes que daqueles da Medicina. As quedas, as contusões, as feridas, as deslocções e as fracturas parece foram as primeiras queixas que molestaram os homens. A Cirurgia foi logo a arte mais antiga, e mais necessária. E assim lemos na História da Medicina que Apolo, Esculápio, Quíron, Centauro, Macaon e Podalirio foram mais Cirurgiões, que Médicos. Hipócrates escreveu mais da arte prática da Cirurgia que praticou tão admiravelmente, que da Medicina: seus filhos Tessalo, Draco, e todos os Médicos Gregos, e ainda aqueles que estudavam na Universidade de Alexandria, como Galeno, Oribásio, Aetius, Paulo Egineta, que viveu pelo ano 621, todos praticavam a Cirurgia igualmente com a Medicina. Até estes tempos sempre a arte Médica aumentou nos conhecimentos, e na utilidade que causava ao género humano.

²⁶Vellem equidem placere vobis, Quirites; sed multo malo vos salvos esse, qualicumque erga me animo futuri estis, Livius,!, 3. cap. 38.

Sabemos pela *História da Medicina* que até o século VII não se conhecia nas Repúblicas da Europa aquela sorte de homens que hoje conhecemos por *Cirurgiões*, e por *Boticários*: os Médicos, ou eles mesmos, ou seus serventes, preparavam os remédios, e faziam as operações da Cirurgia, principalmente aquelas que necessitavam do conhecimento da Anatomia.

Mas destruído já o Império Romano, e as Escolas de Medicina de Alexandria pelos Maometanos, as de Roma e da Grécia pelas Nações Bárbaras, caiu a Medicina no poder dos Eclesiásticos tanto no Oriente, como no Ocidente; fatalidade das mais Ciências. Eles foram os Médicos, geralmente falando, até o século XIV; e alguns Judeus educados nas Escolas dos Árabes em Cordova, Toledo, de Fez, na de Salerno, e na de Montpellier.

Mas como os Eclesiásticos não aprendiam a Anatomia, e que pela *Disciplina Eclesiástica* lhes não era permitido derramarem sangue, deixaram a prática da Cirurgia. Os Maometanos também pela sua superstição não podiam abrir cadáveres, e ficaram ignorantes da Anatomia, não conhecendo outra, que a que liam nas obras de Galeno traduzido nas Línguas Sírfaca, e Árábica.

Esta foi a causa que desde o século VII, se introduziram esta sorte de homens Cirurgiões, que não conheceu a antiguidade. Quem quiser saber o referido, consulte a História da Medicina do Dr. Friend, e o Comentário de Haller ao tratado de Boerhaave de *Studio Médico*²⁷. Ali verá que apesar dos Concílios Lateranense, e de Tours em França; o primeiro no ano 1139, o segundo 1163, confirmados por Honório III, no ano 1216, onde se proibia aos Eclesiásticos exercitar a Medicina, particularmente aos Regulares, que sempre a praticaram até o século xv.

Esta separação da Cirurgia foi a causa da perda da Anatomia, e do conhecimento da Prática da Medicina: porque assim como a Medicina é o conhecimento dos males internos, assim a Cirurgia o é dos externos. E o Médico que não conhecer estes últimos, e que não souber curá-los, não conhecerá nem curará jamais com inteligência os internos. O Grande Boerhaave foi o primeiro que demonstrou nos seus *aforismos* a necessidade que tem o Médico de aprender e praticar a Cirurgia, pondo-a por base de toda a Medicina.

Outro prejuízo mais notável causou esta separação: Adoece um homem ou na cidade, ou numa aldeia; o que vem no princípio a esta doença é um Cirurgião: conheça ou não conheça a sua natureza, sangra, purga, e ordena o que lhe parece: piora o

²⁷Traduzido em Francês in 4.^o Pág.^o717, sub Lanfranco Mediolanense, & pag. superiore 717. sub Albucase.

enfermo, então no quinto ou nono dia chama o Médico: chega este, e como não viu desde o princípio a doença, não pode julgar se os sintomas que vê no enfermo procedem dos remédios que ordenou o Cirurgião, ou da natureza do mal. Ordinariamente ou o enfermo ou o Cirurgião ocultam ao Médico chamado o que se fez com ele.

O que resulta deste costume já radicado por toda a Europa é que nenhum Médico sabe a História das doenças, e que raríssimos são os que as conhecem; e que por essa razão hoje nenhum poderá escrever desta arte como escreveram os Autores Gregos: porque sendo Cirurgiões e Médicos juntamente, viam cada doença desde o princípio até o fim; do que nenhum dos Médicos viventes hoje em Europa se poderá jactar.

O melhor Cirurgião da Europa actualmente aprende a Anatomia, e a fazer as operações da sua arte; mas não aprende, nem é obrigado aprender a Medicina: é chamado para curar uma ferida, ou fazer uma operação, por exemplo cortar uma perna: surgem a estes enfermos *febres, delírios, convulsões, hemorragias, soluços, desmaios, gangrenas, ersipelas*, que são sintomas, que para curá-los necessita o Cirurgião saber a Medicina; e ainda queira Deus, que os Médicos soubessem curá-los. Onde vemos que o Cirurgião necessita saber a Medicina; e vemos também que nem a estudou, nem é obrigado estudá-la. Não insisto agora mais na necessidade que tem o Estado que todos os Médicos sejam Cirurgiões, e que todos estes sejam Médicos. Quando tratar do Colégio Médico, então reservo para aquele lugar outras razões de maior peso.

Seria indispensável, considerando também a utilidade pública, que em lugar daqueles Estudantes partidistas da Universidade de Coimbra, educados com estipêndio Real, houvesse neste Colégio de Medicina *dez* ou *doze* Discípulos internos, mantidos e sustentados à custa do mesmo Colégio, para ajudarem os Mestres no Hospital, no teatro Anatômico, e no laboratório Químico e Farmacêutico. Estes poderiam guardar o Jornal de Medicina, e de Cirurgia do Hospital, operarem com as direcções do seu Lente, e do Leitor: e seria fácil deste modo introduzirem-se no Reino, e nos seus domínios Médicos como foram os Gregos, e que seriam tão famosos e tão bem instruídos como lemos nas suas obras.

Como neste mesmo tempo que os Estudantes frequentassem o Hospital, se applicariam com os mais Lentos aos estudos da teoria da Medicina, não acho a propósito indicar-lhe os Autores que escreveram da *Patologia*, e da *Semiótica*: Quando tratar das Instituições da Medicina então acharei lugar para os indicar: deixando sempre esta obrigação essencial aos

Mestres de indicar os melhores livros do estudo que ensinam aos seus Discípulos.

Do Estudo da Anatomia

A Anatomia, ou a *Antropografia* é a porta para entrar na Ciência do corpo são e enfermo. A excelência deste estudo não consiste em disputar, ler continuamente, e exercitar-se compondo discursos literários: é necessário exercitarem-se as mãos e os olhos na investigação das partes do corpo humano, tanto como na leitura que trata das mesmas partes: este estudo obriga ao Médico a observar, a trabalhar, e a indagar; e é o mais poderoso para adquirir aquele génio filosófico tão necessário nesta Ciência.

Mas será impossível adquiri-la sem um Mestre instruído nela, e que aprendesse com outros Mestres que mereceram a palma nesta Ciência: será impossível que o Estudante chegue a aprender a Anatomia sem ser dirigido por um Mestre exercitado, observando como opera, e como indaga as partes do corpo humano. É necessário que saiba *injectar* as veias e as artérias; *secar* e *limpar os esqueletos*; *secar* muitas partes do corpo humano para ver a sua íntima composição; *embalsamar* outras: o que se não pode aprender, que vendo e *imitando* o que fizer o seu Mestre.

Entro nestas miudezas, porque me consta que existem Médicos e Cirurgiões em Portugal tão presumidos e jactanciosos que pretendem ensinar a Anatomia, confessando ao mesmo tempo que nunca viram dissecar, nem preparar as partes de um cadáver, nem de que modo se conservam, para servirem de ensino. É cegueira voluntária, é fazer alarde da ignorância.

Será impossível que se estabeleça esta Ciência em Portugal, entretanto que por Ordem de S. Majestade não saírem seis ou sete Estudantes a aprender esta Ciência a *Edimburgo*, a *Leyde*, a *Gotinga*, e a *Paris*, não só ouvindo e aprendendo de um, mas sucessivamente com três ou quatro dos mais famosos: fazendo-se familiar com eles à custa de afagos e de presentes, dissecando, injectando, e preparando as partes do corpo humano diante deles; e riscando ao mesmo tempo (seria bem que todos os que se dedicam a saber a Anatomia tivessem aprendido o risco) o melhor método de preparar e comparar o que tivessem dissecado.

Sem um Mestre assim instruído por três ou quatro anos, será impossível ensinar, como convém, a Anatomia. Tudo o que poderia aqui escrever do melhor método de ensinar e aprender Anatomia, seria inútil, ainda que copiasse Boerhaave de *Studio Medico*, a *Lieutaud*, e a *Causebohm*.

Isto lhe seria de tanto proveito, como aprender

esta Ciência por figuras de cera, por partes embaladas, por partes injectadas e por lâminas ou figuras: estes são subsídios à Anatomia, mas não são a sua escola; o que se poderá ver provado demonstrativamente naquela douta, e elegante Oração de Albino com este título *Bernardi Siegfried Albini Oratio, qua in veram viam, quæ ad fabricæ humani corporis cognitionem ducat, inquiritur: habita 1721, Lugdun. Batav. 4.º*.

No ensino da Botânica, da Matéria Médica, e da Química, pode haver um meio, e chegar um Médico a ser douto e capaz sem ser perfeito nestas partes da Medicina: mas no estudo da Anatomia não há meio. Ignorar a *estrutura*, a *figura* e a *conexão* de qualquer parte do corpo humano, a mais comptentível, no modo ordinário de pensar, é defeito, e mesmo crime num Médico. Vi nos *cabelos* aquele horrendo mal, chamado *Plica Polonica*; vi as *unhas* monstruosas, pela qual deformidade ficava o homem privado do uso das mãos (Enfermidade gerada pelo veneno Gálico; sintoma horrível! mas estou certo ser a sua origem a que insinuo). É necessário que o Médico saiba o que são aquelas partes, e todas as mais do corpo, para curá-las quando caírem enfermas. Que ajudaria ao Mestre de Anatomia, ou ao Estudante, que dissesse aqui como devia começar estudar a Anatomia? que lhes aproveitaria indicar-lhe que aprendam pelos ossos secos do Esqueleto separados uns dos outros, e mesmo por aqueles da caveira, e que usassem do excelente livro de *Morbis ossium* de Bernardo Albino, impresso em Leyde e em Viena de Áustria? que socorro lhe daria se lhe aconselhasse que para aprenderem a *Osteogonia*, que estudassem o livro do mesmo Autor, como o resto das suas obras para estudarem e aprenderem a *Miologia*, a *Angiologia*, a *Neurologia*, e as partes que se contêm nas três ou quatro cavidades do corpo humano? Tudo isto não se reduz mais do que a palavras, que se esquecem, e que se desprezam nos teatros Anatômicos.

Necessita o discípulo ver como seu Mestre desencana os ossos de uma caveira, sem os alterar nem quebrar; necessita ver como destes ossos separados forma outra vez a caveira; necessita ver como se abre e serra o osso chamado *pertosum*, para achar dentro dele os ossos que compõem o órgão do ouvido: só vendo se aprende como se interjectam os olhos, para saber a estrutura deste admirável órgão. Esta Ciência se aprende vendo com olhos instruídos nos livros, e obrando com as mãos instruídas pela imitação que dão os bons Mestres. E se à vista do referido houver ainda em Portugal *Formiões* na Medicina, haverá Anibais que zombem deles, e que com o nosso Homero digam:

A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando
Senão vendo, tratando, e pelejando.

Já concederam, espero, que necessitarão os que ensinarem Anatomia aprendê-la do modo que acabo de propor. Mas não duvido que serão capazes de dizer que por não sabê-la como a persuado aprender, que evitei dar o seu método, e indicar os melhores Autores que deviam estudar-se neste Colégio.

A condição que saiam do Reino Estudantes capazes a aprender esta Ciência, e as mais de que necessita a Arte Médica, e que voltem para Portugal para ensinarem com o lustre e utilidade com que ensinam, e ensinarão *Albino*, *Morgagni*, *Monro*, *Winslo*, e *Haller*, pouco se me dá que pensem de mim o que lhes parecer: não adquiriria reputação nem fama se escrevesse aqui o que eles esperavam de mim: é tão pouco, e tão fácil de escrever, que não merece tão inútil trabalho, deter-se nele: o mais ignorante Cirurgião sabe que, *l' Exposition du corps humain*, de M. *Winslo*; todas as obras de Bernardo Siegfried *Albino*, de *Morgagni*, de *Eustáquio* com a explicação do dito *Albino*, são as melhores obras que temos hoje, juntamente com as de *Alberto Haller*: e se o não soubesse, sabendo latim não tinha mais que consultar o tratado de Boerhaave de *Studio Medico Comm. per Albert aller, Parto VII*, pág. 243: ali leria o juízo de cada Autor que escreveu até os nossos tempos da Anatomia.

Do Estudo da Cirurgia no Hospital

O Lente que ensinar a Anatomia poderá ensinar no Hospital a Cirurgia, praticando-a nos enfermos; e nas suas lições no teatro Anatômico poderá ensinar curso das *Operações*, e das *Ataduras*. Como deverá ensinar duas horas, por dia, de manhã, e de tarde, terá bastante tempo desde *Outubro* até o fim de *Março* de ensinar o curso da *Anatomia*, e da Cirurgia Prática, insinuando a melhor doutrina desta Ciência tanto no Hospital, como nas suas Lições no teatro Anatômico. Porque como o Lente de Medicina que explicar os Aforismos de Boerhaave ensinará a teoria da Cirurgia, conforme se acha naquela imortal obra, ficarão bastantemente instruídos os Estudantes na prática, e na teoria desta da parte da Medicina, frequentando dois Lentes, do modo que acabo de propôr.

Como é impossível dissecar um cadáver sem o ter visto dissecar a um Mestre inteligente, acho supérfluo dar aqui instruções como se deve aprender a Cirurgia prática, e usar dos instrumentos de que usa aquela arte: É necessário que o Estudante veja os Instrumentos, e a sua composição, uso, e bondade, que o Mestre explicará: porque de outro modo será impossível ter uma perfeita ideia desta arte.

Os discípulos devem não só aprender a sangrar no Hospital, mas a fazer todas as operações que ocorrerem neles, conforme achar a propósito o Lente. Assistir os enfermos no tempo do aparelho, e em todos os mais socorros que se administram nesta arte. Deixo à disposição dos Lentes de Medicina buscarem um sangrador tão capaz que ensine a sangrar com perfeição, e sagacidade; pelo difícil que é, a todo o homem que se aplica às letras, como objeto principal da sua obrigação: reservando-se o Lente de Cirurgia fazer todas as operações de maior consequência: É impossível prever tudo o que se há-de exercitar no uso de qualquer arte. Basta que o fim deste ensino seja conhecido, que consiste, como tantas vezes temos dito, que os Estudantes de Medicina saiam da Universidade instruídos, e doutrinados na Cirurgia prática, como nas mais partes da Medicina.

Se para aprender a Anatomia propusemos, que era forçoso saírem estudantes a aprendê-la nas Universidades, que indicamos, agora nos vemos forçados de propôr o mesmo para aprender a Cirurgia prática, com tal perfeição e destreza que possam estes Estudantes ensinar a sua prática e teoria. Mas de tal modo que sejam Médicos e que tenham aprendido as outras partes da Medicina nas Universidades propostas, com tanta perfeição como a Anatomia, e a Cirurgia. E sem esta precaução será infrutuoso todo o estudo e todo o trabalho em Portugal. Os Autores que tratam da Cirurgia se poderão ver no tratado de *Stodio Medico*, citado acima, pag. 714.

Do Estudo da Química

Como a Física trata das propriedades gerais dos corpos, o que vimos, quando propusemos o Colégio de Filosofia, assim a *Química* trata das particulares, e especiais de cada corpo. Esta Ciência é a *Física prática*, e a Física chamada Experimental é a teoria desta. Por essa razão os Autores que escreveram dela tratam da natureza, e dos efeitos gerais e particulares dos *Quatro Elementos*: da qualidade, e diversidade das terras, bolares, sulfureas, petrificadas, e metálicas. Tratam dos diferentes metais, da sua refinação, propriedades, e conexão de uns com outros: Tratam dos *Menstruos*, que são aqueles Corpos que servem

para separar, e extrair as diferentes partes de que se compõem os vários corpos dos três Reinos, Vegetal, Animal, e Mineral. Tratam da Ciência de todas as Artes Mecânicas, e liberais; como são arte de fazer vidros, pedras que imitam as preciosas; da fundição dos sinos, e peças de artilharia; de fazer a pólvora; toda a sorte de lacas ou vernizes; de vários grudes; das tintas para tingir; das cores dos pintores; enfim de todas aquelas misturas de diferentes corpos agitados pelo fogo, movimento mecânico, e pelo ar.

Esta é a Química Filosófica que se ensina hoje universalmente em Europa. Em Alemanha e em França se ensina mais exactamente a Mineralogia, e a Metalurgia, e o que pertence às Artes Mecânicas, desde a Química especial à Medicina. Em Inglaterra felizmente se pode aprender esta Ciência em todas as suas partes. Em Leyde, Universidade de Holanda, ensina com aplauso universal, seguindo os passos de seu Mestre o Grande Boerhaave, David *Gaubius* Professor desta Ciência, e de Medicina.

De tal modo que a Química de que necessita o Médico é aquela que indaga os corpos dos três Reinos na intenção de conhecer as suas virtudes, se são saudáveis, ou perniciosas ao corpo humano. Não se embaraçando na indagação de outros efeitos que contribuem a conhecer os princípios das outras artes.

Enganam-se muitos que têm por Médicos milagrosos estes homens chamados Químicos: poderão saber a Química Filosófica, e serem ignorantíssimos da Química Médica que é uma parte somente desta Ciência; e esta que inculcamos devem ter aprendido os Lentes, e ensinar esta mesma aos seus Discípulos.

Depois de 120 anos se tem escrito desta ciência inumeráveis livros. Os que convêm seguir o Lente, e ensinar aos seus discípulos indicarei aqui, na intenção que ensinem, e aprendam a *Química Médica*.

Elementa Chimiæ, ab Hermanno Boerhaavio, Leydæ, 1732, 4.º, 2 vol. É a edição principal que devem ter os Mestres porque aquelas de Paris, de Hamburgo, e de Leipzig além dos muitos erros da impressão são de mau papel.

Como a Língua Inglesa é hoje necessária absolutamente a todos os Médicos pelos excelentes livros que estão escritos nela, não duvido que o Lente de Química a entenda; e poderá então usar da tradução desta obra com o título seguinte: *The Elements of Chemistry of Boerhaave, translated into English by Timoteus Dallowe*, 1735, in 4.º. Porque tem muitas notas, e correções deste Autor seu discípulo, e com consentimento de seu Mestre.

Também servirão para o mesmo ensino Hoffmanni (Fridericus), *Observationum Physico Chemicarum libri III*, Halæ 1722, 4.º. Desta obra há várias

impressões, e traduções. Boerhaave mesmo o recomenda na sua Química.

Não indico mais Autores, porque o meu intento é determinar somente aqueles para ensinar a Química Médica, e aquele método para conhecer as virtudes e as propriedades dos *alimentos* das *bebidas*, dos *nosos humores*, de todos os *remédios*, e dos *venenos*. Somente na segunda parte da Química de Boerhaave se acha esta Ciência. Entra a ensinar por experiências incontestáveis o que são os vegetais; aqueles que fermentam; e aqueles que jamais podem fermentar; de que modo todos eles se poderão fazer apodrecer; que produtos saem deles; e no fim de cada processo ou experimento aplica tudo ao uso da Medicina, com tal método, clareza e ordem que fica o ânimo ilustrado, e o Médico instruído na parte Filosófica mais necessária à Medicina.

Antes que Boerhaave começasse a ensinar a Química, nenhum Autor tinha escrito dela, mais do que experiências, e vários modos de tratar os corpos dos Reinos, vegetal, Animal, e Mineral. Boerhaave fez o mesmo com a Química, que tinha feito com a Medicina. De todos aqueles materiais formou como um Arquitecto um perfeito edificio, que é o livro que recomendamos para aprender esta Ciência: Bem sei que muitos Químicos principalmente os Alemães, e os Franceses accusam Boerhaave que não tratou da Mineralogia, e Metalurgia com aquela Ciência necessária. Mas este não foi jamais o seu intento: todo ele se reduziu a tratar da Mineralogia que pertence somente à Medicina. Se os mesmos Alemães e Franceses tratam tão superficialmente da *Fermentação*, e da *Podridão* é porque não pensarão jamais ensinar a Química Médica: Boerhaave tratou estas duas operações da Maturação, e da Arte com toda a perfeição, porque delas necessita sumamente a Medicina.

Tenho mostrado o objecto da Química; e qual deve ser a parte dela que devem ensinar os Lentes no Laboratório do Colégio de Medicina: indiquei a Química de Boerhaave para seguir-se sempre o seu método, e o seu ensino, applicando todos os processos desta arte à Medicina prática. Seria temeridade, ou ignorância crassa pretender que um Médico que nunca viu um Laboratório, que nunca ouviu Lições da teoria, nem da prática desta Ciência pretendesse ser capaz de ensiná-la lendo não só a Boerhaave, mas ainda todos os Autores que têm escrito desta matéria.

Do mesmo modo que para aprender a Anatomia são necessários Mestres que a ensinam demonstrando-a no corpo humano, assim a Química não se poderá jamais aprender que vendo, e obrando pela direcção de um Mestre inteligente. Será preciso que saiam Estudantes aprendê-la principalmente em *Leyde*, em *Londres*, e em *Edimburgo*, porque de

outro modo jamais se poderá introduzir a Química Médica em Portugal. Determinei os lugares acima para aprendê-la, porque nem em França nem em Itália, nem em Alemanha não se conhece este método de Boerhaave; porque a maior parte dos que ensinam nestes Estados conhecem superficialmente a doutrina da Medicina deste Autor, da qual a sua Química é o principal fundamento, e quase a chave de toda ela. Por esta razão deviam ter cuidado aqueles a quem se cometer a fundação desta cadeira de serem mui atentos sobre a escolha do sujeito que a deveria ocupar. No princípio de qualquer estabelecimento o mínimo erro, ou descuido, ordinariamente é fatal porque vem a ser irremediável.

Se o Lente que ensinar a Química referida tiver sido instruído nos lugares que apontamos acima, será supérfluo tudo o mais que poderia aqui mostrar para ensinar, e aprender esta Ciência. E se desgraçadamente ocupar aquele lugar algum Lente destituído do ensino, que recomendo, bem me persuado, que não seguiria, nem o meu parecer, nem a doutrina de Boerhaave, que só se conserva hoje na Universidade de Leyde, e de Edimburgo.

Do Estudo da História da Medicina

Nas Universidades que frequentei e naquelas de que tenho notícia bem sei que se não ensina a História da Medicina em cadeira de propósito. E não duvido que me acusarão de inovador, aqueles que não conhecem o proveito deste estudo para alcançar em poucos anos a Ciência desta Arte. O Grande Boerhaave dizia que todo o desvelo dos Lentes da Medicina devia reduzir-se a estes quatro pontos.

1. Que facilitassem o estudo desta arte quanto lhes fosse possível.
2. Com os menores gastos.
3. Que adquirissem os Discípulos esta Ciência no tempo mais limitado que pudessem ser.
4. Que lhes sugerisse todos os socorros a memória das coisas que lhes ensinavam.

Os que aprenderem a História da Medicina, como proporei, acharão nela que satisfará perfeitamente o que desejava Boerhaave. Ele mesmo deu o exemplo, e ensinou, esta parte do ensino Médico por alguns anos. Logo que os Curadores, ou Governadores da Universidade de Leyde o elegaram por Leitor no ano 1701, ou 1702, começou no Auditório público a ensinar no ano 1703, a 26 do mês de Outubro a História da Medicina com este título *De Sectis Medicorum*. E

porque nenhum Autor da sua vida fez menção destas leituras, me é forçoso dizer aqui que as possuo, e que as mandei copiar do original que seu sobrinho Jacob Kaan Boerhaave me emprestou em Petersburgo.

No prefácio destas lições, diz Boerhaave, que este ensino não estava introduzido nas Universidades, mas que ponderando a sua utilidade, e necessidade, ponderando que era necessário a cada estudante ter escolha nos livros que havia de ler para não perder o tempo em leituras ou supérfluas, ou erradas, que se determinava ensinar a História das seitas dos Médicos para advertir os seus Discípulos, que evitassem os erros que indicaria, como também os Autores que deviam ler. Não é este o lugar de dar aqui um resumo destas lições, que compõem matéria de um medíocre volume: Bastará que indique as *matérias*, para que o Lente que ensinar a *História Médica* que proponho ou siga este método, ou o dos Autores que nomearei abaixo.

Tratou Boerhaave da seita daqueles Médicos que fundaram a Medicina na Astronomia, e na Astrologia: que refutou como errada; como também as razões em que se fundaram *Cláudio Ptolomeu, Júlio Firmico, Jerónimo Cardano, Tycho Brahe, Paracelso, Helmont, Lúcio Gaurico de Genetaliciis*.

Tratou da seita dos Médicos *Fisiognomistas*: igualmente refutou a sua doutrina que é a de João Baptista *Porta, Paracelso, Crollius, Helvécio*. Aproveu, e defendeu a verdadeira dos sinais ou Diagnostica de *Hipócrates, Aureliano, Galeno*, e de Prospero *Alpino*.

A terceira seita é dos Médicos que reduziram a causa das enfermidades e da virtude dos *Remédios*, às *Signaturas*, ou semelhanças que tem na sua conformação com as partes do nosso corpo. Refutou as suas razões, e os Autores que as aprovaram e seguiram, que são, *Paracelso, Helmont, Crollius, Isaac Hollandus, Athanasius Kircher*.

A quarta dos Médicos Mágicos, e que tiravam daquela fantástica ciência, o que lhes parecia para fundar a Medicina; o que refutou igualmente, e os Autores que dela trataram, que são *Serenus Samonicus, Marcellus Empiricus, Marcus Cato, Alexander Tralilianus, Paracelso e Helmont*.

A quinta os que fundaram a Medicina nos princípios Aristotélicos; como foram *Galeno*, e todos os *Médicos Árabes*.

A sexta os que fundaram esta Ciência na Química, e que infestou mais esta Ciência do que a barbaridade no tempo da extinção da verdadeira Filosofia. Infinitos são os Autores que escreveram desta Medicina. Os principais são *Paracelso, Helmont, Sylvius de le Boe, Etmullerus, Turquet Mayerne*.

No tratado de *Studio Medico* do mesmo Autor por seu discípulo Haller, *Partie XV, pag. 958*, ensinou os Autores que escreveram da Historia da Medicina, como estudo necessário para dirigir o seu ensino; e na Introdução das suas *Instituições Médicas* deu um excelente extracto desta História, que pode servir de norma ao Lente que ensinar nesta cadeira.

Mas não me determinariam semelhantes autoridades se não estivesse convencido das razões, que me movem para propôr esta cadeira. Boerhaave no seu tratado de *Studio Medico*, aconselhou os Autores mais úteis e verdadeiros para estudar a Medicina. Depois daquele tempo se tem escrito nesta matéria um sem número de volumes, como se poderá ver no comento à mesma obra por Alberto Haller: a impressão tem multiplicado os socorros para alcançar as Ciências; mas ao mesmo tempo, pela sua multiplicidade serve já hoje para embaraçar-nos, mais do que para instruir-nos, se na Universidade não houver o ensino que nos faça senhores da *eleição*. Parece que os antigos liam menos que hoje se costuma; mas é certo que pensavam mais, e que observavam a natureza das coisas com maior vagar e atenção, que não observamos nos nossos séculos. Não temos tempo para meditar e observar, porque tudo consumimos na lição; temendo nos falte o tempo para ler o que necessitamos. E às vezes não lemos, nem ainda o que ninguém devia ignorar.

Estas são as razões que me movem se deve estabelecer a cadeira da *História da Medicina*, e dos *Autores que trataram desta matéria*, para que os Estudantes não somente soubessem que sorte de livros, e que livros deviam ler, e de que modo; mas também a História da mesma arte, que é o caminho para adquirir-se mais facilmente esta Ciência.

Continua a mesma Matéria

Uma das causas da perda das artes e das Ciências, foi, como notámos acima, que os seus Lentes, não traziam à memória dos seus ouvintes a doutrina que tinham aprendido nas primeiras escolas. O Lente da História da Medicina poderá nas suas lições lembrar forçosamente a História Profana, e a História Filosófica, encostando a da Medicina a estas mesmas. Ponhamos, por exemplo que tratasse da vida de *Hipócrates*, que floresceu na olimpíada 80, antes da vida de Cristo 460 anos, da criação do mundo conforme a Cronologia de Petavius 3524, da fundação de Roma 295, depois da morte de Pitágoras 50 anos, e também 50 anos antes do nascimento de Aristóteles. Naquele tempo se fez a guerra do Peloponeso com os Atenienses; e os Romanos mandaram os *Decemviri* buscar as Leis Áticas. E deste modo podia dizer que Hi-

pócrates estava instruído na Filosofia de Heraclito, e tratar assim os dogmas desta Filosofia. Do mesmo modo daria conta das obras de Hipócrates, das suas reputadas por verdadeiras, das espúrias; quais são as de *Thessalo* e de *Draco*, quais as de seu genro *Políbio*. Daria o método de lê-las, valendo-se do livro acima citado de *Studio Medico*, e de *Mercurial*.

Neste mesmo tempo poderia este Lente indicar o método de estudar e fazer colecções, do que trataram muitos Autores: e com especialidade *Haller* no comentário do tratado de *Studio Medico*, pag. 90 e pag. 130.

Se deste modo se ensinasse a *História Médica*, estou certo que se abreviaria o seu estudo, e os Estudantes adquiririam conhecimentos perfeitos nele. Ensinando as doenças que de novo se observaram por cada Autor; de que sorte de remédios usaram aqueles Médicos, ou Cirurgiões para curá-las; se observamos ainda hoje os mesmos males, os mesmos efeitos, e que remédios novos temos hoje substituído aos dos antigos; acostumando os ouvintes a atender o que é verdadeiro, falso, ou duvidoso, tanto na descrição das doenças, como no efeito dos remédios, é certo que daria este ensino uma clareza ao entendimento, que o ilustraria, e procuraria por si mesmo adiantar os conhecimentos que tinha percebido.

O principal intento do Lente desta *História* seria plantar no entendimento dos seus ouvintes *aquela Crítica*, ou discernimento que nos faz julgar da verdade, da falsidade, ou das dúvidas no que lemos, e do que ouvimos. Há naturais que nascem com esta propriedade; e adquire-se pelo trato com bons Mestres, com homens de talento: porque para saber uma coisa bem, necessita-se de saber a sua *História* e todas aquelas conexões, semelhanças, ou dessemelhanças que tem com as mais. *M. Reiske* Médico doutíssimo dos nossos tempos assentou, que do mesmo modo que no estudo das Letras humanas são superiores aqueles que excedem na *Crítica*, que do mesmo modo no estudo do corpo humano será excelente Médico aquele que possuir este talento. Se por benefício da natureza nascer crítico, que será o mais apto para praticar a Medicina²⁸.

No tratado de *Studio Medico* de *Boerhaave*, verá o Lente o excessivo número dos Autores que escreveram a *História da Medicina*. Eu atrevo-me a propôr o compêndio de *Schulze*, para que os estudantes usem dele, e que o Lente lhes explique suprimindo o que lhe falta com a sua explicação; o seu título é o seguinte:

²⁸Quod in studio Litterarum est ars critica, id est Medicina in corpore humano: & quem faultrix natura finxit criticum, eundem quoque Medicinæ faciendæ fecit aptissimum. Vid. Observat. Medicæ ex Arabum Monumentis. Leydæ 4.º pag. 29.

Compendium Historiæ Medicinæ, a rerum initio ad Hadriani Augusti excessum. Halæ magdeburgicæ. Auctore Joan. Henrico Schulze. Apud Car. Herm. Hemmerd 1741, 8.º.

Foi detrimento para a Medicina que o Autor não continuasse até os nossos tempos; o que poderá o Lente suprir com a *História da Medicina* de *Clerc de Friend*, do mesmo *Schulze* na sua primeira obra em 4.º, e com outros mais autores que achará no referido tratado de *Studio Medico*, os que não traslado aqui; não sendo o meu intento ensinar aos Mestres; e por essa razão só indico os livros elementares de que devem usar os discípulos. Ainda que pareça afectação instituir tanto no estudo da *História da Medicina*, e de ilustrar o juízo dos Estudantes desta Ciência com a literatura Médica e da antiguidade profana, que se desenganem os que quiserem ter bons Médicos nos seus Estados, é necessário que sejam homens de letras, e amantes do saber; porque de outro modo terão oficiais de Medicina, mas não Médicos. Isto é, ser instruído na Ciência do *Corpo humano são e enfermo*: isto é ser instruído em tudo o que ensina a *História da natureza*, que pode ser *útil* ou *perniciosa* a estes *dois estados do nosso corpo*; e ao mesmo tempo ter o ânimo tão bem adornado com a virtude e com a Ciência, que tenha por felicidade ser útil ao género humano, à sua Pátria, e àqueles que conhece; qualidades que se não adquirem, se o juízo não estiver ilustrado com a verdadeira Ciência, e com a virtude, que consiste na acção, e no trabalho útil a si e a todos os mais com quem trata, e poderá tratar.

Já que Deus foi servido pela sua altíssima Providência chegar no outono da vida, ver com tanta alegria, e felicidade, não só minha, mas também daqueles a quem sempre amei e venerei, os Estatutos do Colégio dos Nobres 1761, e especialmente o título XI, quero valer-me dele para que me não acusem que propus ensinar a *História da Medicina*. Decreta aquele artigo o seguinte. "Determino que haja no mesmo Colégio um Professor de Física: o qual depois de haver dado uma breve e substancial notícia da *História Física* antiga e moderna, sem a ideia de ostentar, mas sim e tão somente com a de instruir, passará a ensinar esta utilíssima parte da Filosofia; tratando só o que nela há de sólido, e de proveitoso, ditando só o que for demonstrável pela Geometria, e pelo cálculo, ou qualificado por experiências certas, &c."

Como a Medicina está e deve ser sempre fundada na Física, do mesmo modo que está decretado se ensine esta, deste mesmo modo pretendo eu que se ensine aquela naquela parte que puder sujeitar-se à Geometria. E ficarão todos persuadidos que a cadeia

da História da Medicina é essencialmente necessária para aprendê-la.

Do Estudo dos Aforismos de Boerhaave

Todos aprovarão que o Lente de Medicina no Hospital seja o mesmo que explicará *Aphorism. de cognoscendis & curandis morbis, per Herm. Boerhaave*, na primeira lição de tarde naquela aula onde se ensinar a História da Medicina. Estas duas Cadeiras sempre deveriam estar ocupadas pela mesma pessoa, para que os Estudantes vissem praticar no Hospital, o que o mesmo Lente ensinou na cadeira.

Se fosse possível, que o mesmo Lente das duas referidas cadeiras explicasse as *Institutiones Medicae* do mesmo Autor, é certo que seria mais vantajoso aos Estudantes, do que deixar esta instrução ao Lente de Cirurgia. O Sistema de Medicina explicado pelo mesmo Lente seria mais seguido e concluyente, e nunca haveria duas opiniões diferentes em ponto algum da teoria. Boerhaave ensinou sempre estas duas obras, em duas horas por dia, além de ensinar ao mesmo tempo a Botânica, a Química, e as lições públicas que ditava em certos dias no auditório da Universidade. Mas este grande homem em tudo foi assombro, em forças, em Ciência, e no amor do trabalho, que é o mesmo da virtude. Mas estes génios são raros; e poucos poderão pretender a tanta celebridade. É necessário que as leis se decretem para se governarem por elas o comum dos homens, e não aqueles raros, e extraordinários. Nesta consideração é que separamos o ensino das *Instituições da Medicina*, daquele dos *Aforismos*.

Porque o estudo destes *Aforismos* é o principal desta Ciência, acho da minha obrigação facilitar por todos os meios que me são conhecidos, a sua inteligência. Declaro que não escrevo o que direi logo, para os Discípulos de Boerhaave, porque lhes seria supérfluo. Também não escrevo para os Mestres que forem educados em Leyde, e em Edimburgo, onde se ensinam ainda hoje estes *Aforismos*: O meu intento é indicar àqueles, que não foram educados nesta doutrina, o artifício com que estão compostos. O que facilitará sem dúvida a sua inteligência, e por consequência a sua estima.

A primeira impressão desta referida obra foi no ano 1715 com este título *Aphorismi practici de cognoscendis & curandis morbis per Herm. Boerhaave*. Foram reimpressos várias vezes com o mesmo título, e várias adições pelo mesmo Autor; e a última no ano 1737 em Leyde é a melhor; e da qual se havia de usar somente, e seria necessário se reimprimisse à

custa da Universidade Portuguesa, juntamente com a *Materia Medica* das edições de Leyde; porque aquelas de Alemanha, de Paris, de Veneza e de Turim são erradíssimas nos números e no texto.

Seria supérfluo que eu entrasse no trabalho que prometi acima, se *Gerardo Van Swieten*, hoje Físico-Mor de suas Majestades Imperiais de Alemanha, quisesse comunicá-lo no comento que nos deu já em três volumes em quarto a esta obra de que vamos falando: estou certo que o faria com maior acerto e exactidão, por haver conhecido, e aprendido com Boerhaave pelo espaço de vinte anos. *Alberto Haller* sendo em tudo tão douto, tão judicioso, e tão venerador da memória de seu Mestre não achou necessário fazer esta análise, (em que vou entrar) no seu comento ao tratado de *Studio Medico*: e certamente que o público perdeu muito por ele ocultar este trabalho.

Do artifício com que estão compostos os Aforismos de Boerhaave: E da razão que têm todos os Médicos de preferirem este livro a todos da Arte Médica

Somente o grande Boerhaave podia satisfazer ao título exposto: mas quero animar-me ao mais glorioso: e se desmaiar nesta empresa, ficarei sempre satisfeito de haver intentado o primeiro, o que até agora nenhum discípulo deste excelente Mestre ousou publicar, ou por desesperar de consegui-lo, ou por zelos que se divulgasse esta doutrina.

Quando Boerhaave contava trinta e dois anos de idade, foi eleito Leitor de Medicina na Universidade de Leide: e abriu as suas lições por aquela célebre Oração de *commendando studio Hippocratico*, no ano 1702. Estava então a Arte Médica em toda a Europa na maior confusão: porque cada Médico seguia umas vezes a doutrina dos Galenicos, outras dos Árabes, dos Químicos e dos Mecânicos: já a Química tinha entrado em algumas Universidades, & servia de Filosofia e de Matéria Médica à Medicina: em nenhuma delas se ensinava já a doutrina Hipocrática que Fernelio, Hollerio, Dureto e Ballonio tinham ressuscitado e introduzido em França. Poucos eram os Médicos que seguiram a Sydenham; e Baglivio ainda não era conhecido por Autor. Em toda Alemanha, Holanda e França com desprezo se nomeavam as obras dos Médicos Gregos, depois que Paracelso tinha queimado publicamente as obras de

Galeno & de Avicena: a maior parte estudavam Helmontio, Sylvio de le Boe e Etmulero; e ainda muitos daqueles que não conheciam outros livros, que Mercatus, Maroja e Riverio.

Nesta confusão os Médicos de toda a Europa no princípio deste século, ou eram simplesmente Empíricos, ou Pirrônicos. Como a Medicina não estava fundada na verdadeira Física; como não havia livro que contivesse os seus fundamentos fundados nela; como todos constavam de observações espalhadas, explicadas pela Filosofia umas vezes Escolástica, Aristotélica, Cartesiana, Química e Mecânica, daqui é que a Medicina perdeu a dignidade de ciência, e aqueles que a professaram, o nome e o ofício de Médico.

Começou neste tempo *Boerhaave* a ensinar a Medicina Hipocrática; e ao mesmo tempo destruindo as seitas Médicas, que a tinham desterrado, como vimos acima; como bom Agricultor que arranca primeiro as ervas venenosas, e os troncos podres, para semear a boa e vegetal semente. Não foi sem contradição: porque a ignorância arraigada sempre teve fautores: estes acreditados, não pela ciência, mas pela idade, foram os mais cruéis émulos com quem combateu a mocidade de *Boerhaave*, triunfando daquelas relíquias da velhice com a *ciência*, e com o *método*, desterrando para as regiões do esquecimento aquela imperiosa ignorância, que exercitavam quase todos os Médicos daquele tempo.

E para que fiquem persuadidos aqueles que desejam saber com que socorros principiou a ensinar a Medicina, não será fora deste lugar, dizer aqui sumariamente, o que *Boerhaave* tinha estudado, de que modo estudou e com que artifício compôs as obras que temos dele.

Destinava-se *Boerhaave* a ser Ministro da Igreja Calvinista; e foi educado por seu Pai, homem douto, Ministro da mesma seita: ele foi o seu Mestre nas línguas douradas, e o Lente *Jacobo Gronovius* nas Humanidades: aprendeu as Matemáticas, e foi nelas tão superior, que na idade de dezassete anos as ensinava particularmente para sustentar-se, tendo ficado orfão. Com um Irmão que tinha, doutíssimo na *Química*, aprendeu com desvelo noite e dia esta ciência, como complemento da Filosofia antiga e moderna, que tinha estudado: na idade de 21 anos tinha lido os Santos Padres nas línguas originais seguindo a Cronologia. Neste tempo por um incidente determinou seguir a Medicina, e deixar de todo a Teologia, que tinha estudado.

Assim que *Boerhaave* quando começou a estudar a Medicina sabia as línguas douradas: escrevia na latina com pureza e elegância, como vemos na sua química: era versadíssimo na História Sagrada e Profana, nas

Antiguidades Gregas, Romanas, Hebraicas e Egípcias; foi dotado de tão feliz memória, que na idade de sessenta e dois anos em que o ouvi, repetia os versos dos Autores Clássicos, com tal fluência e facilidade como se falasse na língua materna: na História Filosófica, e da Medicina, são bons monumentos as suas obras; porque lhe ouvi dizer que lera os Autores da Medicina começando por Hipócrates, seguindo a Cronologia até o seu tempo: como o Grande Newton tinha publicado o seu livro *Elementa Philosophiae Mathematicae* no ano 1687, em 4.^o e sabia as Matemáticas, compreendeu esta Filosofia e o método em que estava escrita, e neste mesmo, tanto quanto a Medicina o permitia, escreveu as suas obras. Os Mestres que ouviu na Medicina foram *Antonio Nuck*, e *Carlos Drelincurtius*, dos quais teve mui poucas lições. Fez coleções da sua leitura na *Química*, na *Anatomia*, *Matéria Médica*, e dos Autores de Medicina prática e teórica. Logo que começou a praticar empregou todo o seu tempo em visitar enfermos, e estudar: eu conheci ainda pessoas em *Leyde* que o conheceram naquele tempo; e esta verdade é para responder àqueles que o acusaram não haver praticado a Medicina, nem exercitado a Anatomia; quando é certíssimo, como ele dizia, que dissecara infinidade de animais, e muitos cadáveres.

Tendo ajuntado as observações da Natureza humana enferma e doente, determinou escrever um compêndio de Medicina para explicá-lo dentro de um ano aos seus discípulos, fundado em princípios demonstráveis pela Física e pela Química Médica. À imitação de um Arquitecto tendo ajuntado os materiais pelas regras da Geometria, da Mecânica, e da Perspectiva, compõem de muitas partes, separadas, e diferentes em natureza, um todo, que é um palácio com *Simetria, distribuição e elegância*: assim *Boerhaave* das observações espalhadas nos Autores Gregos, Árabes e Latinos, que julgou verdadeiras pela Crítica Médica, compôs os seus Aforismos, usando do *método sintético* deduzindo dos princípios estabelecidos os efeitos.

Continua a mesma Matéria

Dizia *Boerhaave* aos seus discípulos que quando intentou escrever a obra de que vamos falando, que estivera indeciso por muito tempo pensando que método seguiria para compô-la: ocorria-lhe que muitos Autores Gregos e Latinos começaram a escrever as suas obras pelas doenças da *Cabeça*, seguindo as mais, até tratarem daquelas das extremidades. Outros começaram a escrever das doenças começando pelas do estômago, continuando-as pelo curso do *Chylo*; depois pelas do curso do sangue, e ultimamente por

aquelas dos espíritos animais. Houve outros que começaram pelos males do coração, seguindo o curso das artérias, &c. Mas que seguindo estes caminhos logo se apercebera, que necessitava saber primeiro o que era a *Cabeça*, o *estômago* e o *coração*: que meditara nos princípios destas partes; e que achara, que o primeiro de todos, eram as *fibras*: que estas fibras examinadas pela química constavam unicamente de *matéria terrestre*, e de *óleo animal*. E que deste modo começara a tratar estes Aforismos, como ensina a Geometria, quer dizer das coisas certas e conhecidas indagar e achar as duvidosas ou ignoradas.

Depois de ter escrito nos *Prologómenos* desta obra de que tratamos, o que se entende por *doença* (*morbis*) do corpo humano; o que é necessário para conhecê-la; de que modo se deve curar, e restituir o corpo enfermo à sua perfeita saúde; e os requisitos que deve ter o Médico para ser digno de merecer este título, entra a tratar no número, ou secção 21. *de morbis Fibrae solidæ, simplicis*.

Quem quiser ensinar com utilidade deve escolher o método de mostrar os princípios da matéria que trata, e depois explicar os indivíduos que se compõem deles. O nosso corpo consta de *fibras*, ou fios: no princípio da sua formação todas as partes são líquidas, de que consta a *matéria seminal*: mas dela se formam os *ossos*, as *cartilagens*, os *músculos*, os *tendões*, as *artérias*, as *veias*, e os *nervos*: os ossos constam de *fibras*, as membranas, e as artérias; logo é necessário conhecer primeiro o que é uma fibra, ou fio do corpo humano; a que sorte de enfermidades está sujeita; e logo que eu souber todos os seus estados e mudanças, virei necessariamente no conhecimento das doenças daquelas partes, que se compõem de fibras.

Pelo contrário se começar a tratar do Pleuris, ainda que dê a sua história perfeita, ainda que com particular cuidado indique o mais seguro método de curá-lo, não poderei ter uma ideia perfeita desta doença: sem saber o seguinte: aquela dor do lado, aquela febre, mostram que está o sangue encalhado nas artérias dos músculos intercostais, e da pleura. Que natureza têm aquelas artérias? de que se compõem? acho que de membranas: E estas de que se compõem? de *fibras*. Logo é-me necessário saber primeiramente a sua natureza, e os males a que estão sujeitas, e os remédios que as podem curar.

Não se lê coisa mais repetidas vezes nos livros da Medicina, do que esta proposição. *O nosso corpo consta de partes sólidas, e de partes fluídas*. Mas ninguém examinou os Elementos destas partes pela Química; ninguém descreveu as suas alterações morbosas, e os remédios para restabelecê-las ao estado natural, mais que Boerhaave.

Achou pela Química, que todas as *fibras* do nosso corpo, ou *filamentos*, constavam unicamente de *terra* e de *óleo animal*. No seu estado natural são dobradiças, têm tal propriedade que se dobram sem se quebrarem ou estalarem, e depois de dobradas tornam pelo seu vigor a adquirir o mesmo lugar, e a mesma figura. São elásticas naturalmente como vemos em uma boa espada, que dobrando-se, tanto que levanta a mão dela, torna a pôr-se em linha recta.

Observou o Autor que esta fibra poderia perder aquele tom natural, de dois modos: ou vir a ser tão *dura*, que com o mínimo toque quebre como vidro, ou tão *branda*, que se se tocasse não teria a força para adquirir o lugar e a figura que tinha no estado natural. Destas duas desordens dá os sinais que aparecem nestes corpos enfermos. Indica a cura da fibra *relaxada* ou *branda*, e também da fibra dura, e renitente. E tanto que o Estudante compreendeu estas simplíctissimas ideias evidentes em uma corda de viola, na folha de uma espada, ficará pronto para perceber o que são as artérias; os seus males, e a sua cura. E como todo o nosso corpo consta de artérias, conceberia todas as doenças dele, se constasse unicamente de fibras.

Pegue agora aquele, que quiser entender esta doutrina nos *aforismos* de que falamos, e leia a *secç.* ou *número* 24. Ali verá a definição da fibra *débil*, ou *branda*. Na *secç.* 25 verá as três causas que fazem as fibras do nosso corpo débeis e brandas.

1. as grandes perdas do sangue, ou por sangrias, por feridas penetrantes, ou hemorragias; fica o corpo fraco; os alimentos não se digerem; vêm vápidos, glutinosos e azedos.
2. Não fazer exercício algum; viver em lugares húmidos, e baixos.
3. Aqueles que levaram tratos de polé, ou que sofreram distrações violentas das juntas.

Na *Secç.* 26. Faz a enumeração dos efeitos, que produz no corpo a dilatada e grande brandura e debili-dade das fibras. Diz que produz tumores; podridões dos humores: e destas duas causas juntas infinitos males.

Na *Secç.* 27. fala do prognóstico. *Ex his* deve-se buscar atrás as *secções* ou números atrás 24, 25, 26. E do mesmo modo quando cita em toda esta obra semelhantes *secções* ou números.

Na *Secç.* 28. Indica a dieta, e os remédios para a cura da queixa de *Fibra debili*. Então deve pegar no livro da *Matéria Médica* do mesmo Autor, que serve de suplemento aos Aforismos, e buscar *nele* a *Secç.* 28. Ali achará os remédios. E deste modo buscará neste livro, as *secções* ou números nos quais falará da cura das doenças.

Na Secção 29, trata do segundo degrau de doença; isto é de *fibra debili*: ali se vê a definição: as causas as mesmas, que disse já na secção 25, e do mesmo modo se entende o prognóstico e a cura: e acaba na Secção 30, por certas questões; a resposta das quais servem para ilustrar, e confirmar esta doutrina.

Parecerá supérfluo o trabalho que tomo: parecerá mininal, e que me considero descobro este artifício que qualquer Estudante poderá possuir com medíocre aplicação. Poderá ser: Mas lembro-me que muitos Médicos Práticos, e com bons estudos, acusavam Boerhaave de obscuro, e ininteligível. Mostrei-lhe o referido, e o que comunicarei, e admirarão a simplicidade com a doutrina, de tal modo que sempre dali por diante estudavam este livro. Está escrito do modo que os Geómetras escrevem. Eu tomo este trabalho para quem não aprendeu Geometria, para quem não ouviu Boerhaave, para quem não ouviu a explicação deste livro em Leyde, em Edimburgo, em Gotinga e Leipzig. E posto que se explica em Paris, Turim, Pádua e Bolonha, não ouço dizer que os estudantes o entendem, nem usam deles os Médicos destas Universidades na sua prática.

Na Secção 31, trata *De morbis fibræ rigidae & elasticae*.

Agora nesta Secção até à 37, trata da fibra *rija e dura*, que é o estado contrário do precedente. Neste estado as fibras são mais *curtas e estreitas*: não cedem facilmente ao impulso da circulação do sangue; altera-se a saúde: as artérias sendo compostas destas fibras produzirão os mesmos efeitos. Nas febres inflamatórias e ardentes, se observam todos os sintomas que se demonstram aqui nas fibras duras e elásticas. A idade varonil, os continuados e violentos exercícios, como são os dos lavradores, são a causa da rigidez das *fibras*. Os remédios para abrandá-las são aquelas mesmas causas que produziram o estado das fibras *brandas e relaxadas*. A dieta dos frutos, das farinhas que causaram estas fibras *moles*, vem no estado das fibras rijas e elásticas, ser remédio. Poucos se atrevem dar nas febres meia dúzia de *ginjas*, uma pera madura, um limão doce a um febricitante sequioso e ardendo: mas esses frutos, e os seus cozimentos, sumos de ginjas, ameixas reinozes, &c. Seriam o seu remédio.

Conhecidos estes dois estados de Fibra *laxa, dura rigidaque*, os efeitos que produzem, e a cura que lhes convém para reduzi-las ao seu estado natural, que é a saúde: fica o Médico instruído dos fundamentos para *entender, conhecer e curar, os males agudos inflamatórios, e os crónicos*. Que comparem os que duvidarem da bondade e clareza desta doutrina com os tratados que escreveram Cheyne, e Baglivi, desta mesma matéria: e lhes peço que observem a dife-

rença; e se a sua leitura e inteligência lhes deu os fundamentos de toda a Arte Médica, como Boerhaave deu em quase quatro páginas?

Ilustra esta doutrina o Autor à imitação dos Geómetras, que das *linhas* começam a tratar dos *Ângulos*, e destes aos *Triângulos*, e ao círculo. Das *Fibras* do nosso corpo se compõem as *membranas*, e das membranas as *artérias*, e as *veias*, pelas quais enquanto vivemos circula o sangue. Assim passa a tratar das *doenças*, das *causas*, dos *sinais*, e da sua *cura*. Na Secção 38, *Morbi vasorum minimorum & majorum*, até à secção 40.

Todas as partes do nosso corpo não são mais que um tesse de *artérias*, e de *veias*: o cérebro, os bofes, o coração, o figado, o baço, e os rins, não constam que de artérias *vermelhas, serosas, e linfáticas*, e igualmente de veias de natureza semelhante. Se estas *veias*, e *artérias* estiverem *relaxadas*, é certo que as *entranhas* que se compuserem delas, ficarão igualmente relaxadas; isto é doentes: então não farão as suas funções perfeitamente: o *cérebro* não fabricará os espíritos animais, nem o cerebelo os vitais como devem ser: o *Bofe* não deixará passar o sangue por eles nem admitir o ar para animá-lo. O *ffgado*, não separará o fel da natureza do sabão, nem os rins coarão as urinas como convém à economia animal. Tendo formado esta cadeia pelo raciocínio trata então na secção 41 *Morbi viscerum debiliium & laxorum*.

Neste capítulo se contém os princípios para conhecer e curar todos os *males crónicos*. A *caquexia*, *Cachochimia*, a *Phthisica*, o *Empyema*, a *Hidropisia*, a *Atrofia*; os *males Hipocondríacos*, os *Histéricos*, e infinidade de outros que procedem destes mesmos.

Costumava Boerhaave explicar mui muida e circunstanciadamente todos estes capítulos, e plantar na memória dos ouvintes todos aqueles conhecimentos físicos que conduziam para a inteligência desta doutrina. Não era seca, nem desabrida a sua explicação. Sabia suster a atenção dos ouvintes uma vez com um caso prático de Medicina; outras com o dito de um Filósofo, com versos de algum Poeta; era inimitável na variedade do tom da voz, que os antigos chamavam *Phonasmus*, e que tanto caso faziam dele. Excitava a atenção tudo de repente. *Mirabimini Auditores, Advertite quæso, &c.*, Detenho-me nestas particularidades porque doutíssimos Lentes, por não usarem deste artifício, saíam os seus ouvintes pouco instruídos, e desanimados para continuarem os estudos que frequentavam. Pensem nisto os Lentes; e a experiência me obriga a apresentá-lo.

Creio que entenderá facilmente este capítulo todo aquele que tiver compreendido as secções antecedentes; se duvidar de alguma expressão, tendo os aforismos diante dos olhos consultarão o livro seguinte que

se publicou com o nome de Boerhaave, não sendo mais que as suas lições que seus discípulos deram ao público: *Praxis Medica, seu Commentarium in Aphorismos Herm. Boerhaave. Trajecti ad Rhenum (que he somente boa ediç.) 1745, cinco volumes in 8.* Do mesmo modo que tratou nas secções antecedentes de *fibra laxa, & elástica*, do mesmo modo trata agora das *entranhas relaxadas*, e das *entranhas rijas*, e mais fortes do que convém ao estado da saúde; e a sua cura é em tudo semelhante àquela que ensinou tratando das fibras doentes.

Trata agora na secção 50. *Morbi viscerum sortium & rigidorum.*

Neste capítulo estão os fundamentos do conhecimento das *Febres*, universalmente falando: o conhecimento das *inflamações*, e de todas as queixas que dependem delas, o que veremos abaixo; a sua cura universal depende totalmente da compreensão deste curto capítulo, o qual explicava Boerhaave com muita individualização, principalmente a secção 34 na qual trata da cura que se refere à mesma secção da *Matéria Médica.*

Já tinha dado acima as propriedades da *fibra forte e rija*. Mostrava pela anatomia que as *membranas* se compunham de *fibras*; e que as *veias* e as *artérias* se compunham das *membranas*; agora demonstra que as *entranhas* se compõem unicamente destes vasos sanguíneos. Já mostrou os males que produzem as *entranhas fracas e relaxadas*, e agora aqueles que produzem as *fortes, rijas e elásticas*. Uma tal disposição é fácil de causar febres ardentes e inflamatórias: e se os remédios que curam os males causados pelas *entranhas relaxadas*, se acharão tão efectivos; aqui na Sect. 54 se lêem todos aqueles de natureza contrária, e que individualmente se examinarão na Secç. 54 da mesma *Matéria Médica.* Mas como devemos tratar mais particularmente desta matéria quando falarmos no cap. *de inflammatione*, para aquele lugar reservo mostrá-la mais amplamente.

Até à Secç. 60 tratam estes Aforismos da natureza e dos efeitos das partes sólidas do nosso corpo: tratou também da sua cura, nos seus diferentes estados. Agora entram a tratar da natureza e da propriedade dos nossos Humores são e enfermos debaixo da Sec. 60 e nas seguintes com este título: *Morbi spontanei ex acido humore.* Ninguém poderá compreender estes trinta números ou secções dos Aforismos, quer dizer desde a Sec. 60 à 91, sem estar instruído perfeitamente na Química Médica de Boerhaave, que indicámos acima. Todos os Médicos sabem que o nosso corpo consta de partes *firmes*, ou *consistentes*, que ordinariamente chamam *sólidas*, e de partes *fluídas*, que chamamos humores. Mas uns, como são os Metódicos, trataram das partes sólidas, atribuindo-lhes a

causa de todos os males, como se não houvesse *humores*. Outros trataram somente dos Humores, como se não houvessem partes sólidas; como foi *Galeno* e *Avicenna*, e todos os seus sequazes.

Mas estes últimos não sabendo o que são os humores do nosso corpo, erraram em tudo que lhes atribuíam e imputavam: pela mesma causa não podiam determinar a dieta nas queixas crónicas, nem nas doenças febris, e muito menos a sua cura. Daqui aquele vício eterno de purgar e sangrar em todas as queixas indistintamente.

Ora para que vejam aqueles que determinarem as leis dos Estudos da Medicina em Portugal, que estes *Aforismos* devem ter a preferência sobre todos os livros desta Ciência, conhecidos até os nossos tempos, mostrarei aqui no que excedem a tudo que se tem escrito nesta matéria, e que só eles devem ser a doutrina desta Escola.

Conhecimentos indubitáveis que ensina a Química Médica de Boerhaave

Alimentamo-nos das produções vegetais da terra: e de toda a sorte de *animais*.

A maior parte dos *Vegetais* fermentam tendo os requisitos para produzir esta operação.

O mosto na pipa não fermentaria se estivesse num ar tão frio como se experimenta no inverno no Norte no grau 70: gelar-se-ia antes de começar a fermentar.

Mas se *duas* canadas de mel se desfizerem em vinte canadas de água morna, e se puserem em lugar tão quente como é o calor do mês de Junho em Portugal, num tonel com o batoque aberto, depois 24 horas começará a fermentar.

Todos os vegetais que constam de partículas de açúcar (e destes há uma infinidade) são aqueles que podem fermentar: todas as raízes das plantas da hortaliça, como são *cardos, cenouras, aipo, nabos, borragem, scorzonera*, todos os frutos doces, agros doces como são *ginjas, cerejas, ameixas, pêras, maçãs, laranjas, limões doces, &c.* Tratados conforme a arte, podem fermentar, produzirem *vinho, vinagre*, e espírito de vinho.

Mas as plantas *adstringentes*, as *aromáticas*, nem os seus frutos fermentam, nem podem fermentar, porque não contêm partículas de açúcar. Não tratamos destas agora.

Mas as Plantas que fermentam, ou que podem fermentar, antes de chegarem a esta operação, adquirem o primeiro grão de *azedo*, ou *acessente*, ou vem azedas.

Uma *amendoada* feita das sementes ordinárias, ou de amêndoas, posta no calor do mês de Junho por doze horas, vem azeda; mas não se converte em vinagre: adquiriu o primeiro grau de *azedo*, ou vem a ser *acescente*. O mesmo sucede com o leite, que é uma emulsão das ervas que pastam os animais: o mesmo com todos os vegetais que poderão fermentar.

Mas nenhum alimento dos animais fermenta: digo carnes, peixes, mariscos, serpentes: postos no calor da atmosfera do Verão apodrecem. Se se destilam já podres não dão espíritos azedos, nem espírito de vinho: dão espíritos voláteis alcalinos, e sais da mesma natureza.

Aplicação desta doutrina ao corpo enfermo

Um homem em boa saúde come frutos, sementes, raízes de plantas que podem fermentar, digere-as; e pelo vigor do seu estômago as coze, e vence de tal modo que nem se convertem em vinagre, nem fica nelas o mínimo grão de azedo: delas se gera o seu sangue, as suas carnes, e os seus ossos, que não são *azedos*, nem *acescentes*.

O mesmo homem em boa disposição sustenta-se de peixe ou de carne somente. Pelo vigor do seu estômago impede a podridão destes alimentos, que deixados ao ar apodreceriam; e gera sangue, carnes, e os seus ossos que não são podres, nem têm sinal algum de podridão. Esta matéria se trata igualmente na *Fisiologia*.

Mas se um homem convalescente, que perdeu muito sangue ou por feridas ou por sangrias, comer unicamente dos alimentos vegetais acima que podem fermentar, não se cozerão naquele estômago fraco e relaxado, porque tem as fibras, membranas, e artérias relaxadas; estes alimentos se converterão no primeiro degrau de azedo, que é o *acescente*. Os males que causarão estes alimentos se verão nos *aforismos*, secç. 63 e 64.

A sua cura já se vê que deve ser pelos alimentos e pelos remédios que restituem a elasticidade às fibras; que nunca podem azedar-se, como são as *carnes tenras*, os peixes de fácil digestão. O que se poderá ver na secç. 66, da *Mater. Médica* individualmente.

Mas se o mesmo homem fraco, ou convalescente, se sustentar somente de carnes, ou peixe, sem adubos vegetais, sem comer pão ou farinhas, o seu estômago relaxado não as podendo converter em bom quilo, e por consequência em bom sangue, virão como se estivessem expostas ao ar do estio; adquirirão o primeiro grau de podridão; terá gosto de ovos podres na boca, indigestões, flatos, &c.

Pelo contrário ponhamos um homem robusto e moço, febricitante de uma febre contínua, neste caso as suas fibras serão *rijas, fortes, elásticas*, mais do que convém ao estado de saúde: as *membranas*, as *artérias*, e as *entranhas* estão igualmente no mesmo degrau de força demasiada: os seus humores estarão naquele primeiro grau de podridão, naquele excesso de movimento e de calor que é natural ao corpo humano.

Quem determinasse a *dieta* a este doente com caldos de carne, com geleias, com peixe, alhos, aromas, pela doutrina da química Médica, se aperceberia logo que aumentaria a doença. Não tinha mais do que determiná-la com os alimentos e remédios que *relaxam*, que *amolecem*, e que fermentam. O açúcar, todas as plantas, frutos e raízes das quais se pode extrair açúcar, seriam os alimentos e os remédios.

Esta é a doutrina dos *humores sãos e enfermos*, e a sua cura; este o artifício com que estão compostas as ditas trinta secções destes Aforismos: com esta ideia, havendo primeiro estudado a Química Médica de Boerhaave, e as suas Instituições, qualquer que ler com atenção os ditos lugares entenderá facilmente esta doutrina; e admirará a facilidade, e o sólido dela. Mas ninguém fique lisonjeado de entendê-la, nem de gostá-la, sem ter aprendido o que venho de relatar.

Do referido se vê facilmente que um corpo com fibras laxas produzirá sempre humores que inclinam para azedarem-se ou serem glutinosos, pituitosos e frios. Que os corpos dotados de fibras fortes, rijas e elásticas disporão sempre os humores à podridão: Que o Médico conhecendo já as causas que geram os humores ácidos, e os alcalinos ou podres, poderá curar estes excessos, aplicando alimentos, e remédios contrários a cada uma; tão certo do que aconselha, que seria ir contra o corrente da natureza se duvidasse dos efeitos que se seguirão.

Esta conexão e operação dos humores sobre as partes sólidas, e destas sobre os humores; esta doutrina da *dieta*, demonstrada em cada doença, somente se deve a Boerhaave. É o fundamento sólido de toda a Medicina fundado na Física, mas naquela Física que a Química Médica ensina, e a Anatomia. Nestes fundamentos se contêm os conhecimentos dos males *crônicos*, e dos *agudos*; e espero que com a mesma facilidade mostrarei de que modo estão escritos no decurso desta obra.

Boerhaave vendo que Hipócrates dissera que *constávamos* de partes *continentes*, de partes *contidas*, e daquelas que *movem* ambas, tratou até à sec. 91., das partes sólidas, e das fluídas. Agora desde a secção 92 até à sec. 106, tratou *De morbis oriundis ab excessu motus circulatorii solo*.

E na sec. 106, *De Morbis ex defectu circulationis & Plethora*.

Nestes números se contém a doutrina universal do movimento retardado, acelerado, tanto dos nossos humores, como das partes sólidas: mas como nos Aforismos de que falamos não trata com individuação de muitos males crônicos, nem agudos, que tem nesta doutrina os seus princípios, achamos por agora a propósito não entrar na sua análise e tratar daquele que conduz a conhecer o que contém esta obra.

Deu até aqui Boerhaave uma ideia clara e fácil das doenças dos nossos *humores*, e das partes *sólidas*, e da conexão e poder que uns têm sobre si mesmo. Mas a demonstração era nos corpos tomados em comum; era nos corpos sem vida; era pelo exame da Química e da Anatomia: isto não bastava. Era necessário mostrar no corpo vivente, à cabeceira do enfermo estes males, estas doenças; era necessário conhecê-las pelos seus *sinais*, e ensinar também como se *curavam*.

A mais simples queixa que vemos no corpo humano é uma *ferida* superficial; quando examinarmos o que sucede nela, como a natureza sofre, como à cura, então viremos no conhecimento do que sucederá nas mais que virmos. E quando uma vez estivermos bem informados do que obra a natureza na superfície do nosso corpo, poderemos julgar com fundamentos bem fundados, do que sucederá no interior. Deste modo tratou primeiro daqueles males que hoje erradamente tratam somente os Cirurgiões: tratou da Cirurgia, como base e como fundamento da Medicina; primeira doutrina do Médico, primeira escola, e primeiro conhecimento desta Ciência. Tratou das Feridas, das *Hemorragias*, da *Dor*, da *Convulsão* das *Contusões*, das *Fracturas*, das *Luxações*, da *Inflamação*, dos *Abscessos*, da *Gangrena*, do *Sphacelo*, do *Cirro*, do *câncer*, e dos males dos *Ossos*, desde a secção 145, até à 557. Quem compreender esta parte da Medicina fica instruído para ser Médico: que é o mesmo que ficar instruído para curar os males internos, depois que aprender a conhecê-los pela Ciência dos sinais e pela doutrina ulterior que devem saber os que professam a Medicina. A Cirurgia é um fundamento da Medicina; mas não é Ciência completa de nenhuma parte dela, como se imaginam tão erradamente as Escolas de Cirurgia de toda a Europa: a ignorância da verdadeira Medicina foi, e será sempre, a causa desta vaidade que infectou a Europa, que a Cirurgia é uuma Ciência separada da Medicina, e que pode haver um perfeito Médico sem ser Cirurgião, e que pode existir este sem ser Médico. Asserção ridícula, e digna de compaixão.

Sec. 145. Aph. *De vulnere in genere*.

No tempo, por exemplo, que está barbeando um

Barbeiro, descuida-se, e dá um golpe na barba. Naquele instante da *ferida* não sai ainda sangue dela: sai alguns instantes depois. Foi necessário que de antes, se encolhessem, e tirassem, cada uma para o seu lado, as metades da fibra cortada. Estala uma corda temperada na viola, a metade encolhe-se para o cavalete, e a outra para as caravelhas: as fibras do nosso corpo são da mesma natureza. Por este encolhimento das fibras fica uma abertura patente por onde sai uma gota de sangue; saiu da artéria capilar, também composta de fibras; também se encolhem alguns instantes depois: e ponderemos agora o que obra a natureza. Aquele espaço feito pelo encolhimento das artérias cortadas, enche-se de sangue vermelho; com o frio do ar se coalha pouco a pouco: os calibres das artérias e veias cortadas se encolhem também; começa a sair aguadilha roxa: fica servindo o sangue coalhado na ferida de emplastro, que aparece como côdea: a natureza sempre movendo pela circulação a aguadilha, e as artérias e veias alongando as suas pontas tapam-se, cai a côdea em dois ou três dias, e ficou curada aquela ferida sem sinal de cicatriz. Curou a natureza esta ferida por *resolução* sem fazer matéria, sem dor, e sem febre.

Suponhamos agora, que um moço com uma navalha cortou no meio do braço toda a pele e gordura, mas sem cortar artéria nem veia considerável, nem músculo: sairá o sangue em quantidade; deite-se na cama este ferido sem socorro algum, descansado, sem mover o braço; e veremos o que por si só obrará a natureza. Tanto que a navalha fez esta ferida todas as veias e artérias da pele, e a pele mesma, se encolheram cada qual para o seu lado, quer dizer metade para o sangradouro, e outra metade para a palma da mão: sairá o sangue rapidamente; mas a cada instante menos porque as bocas das artérias se encolhem pouco a pouco: o frio do ar ambiente coalhará na ferida o sangue, como vemos com aquele que sai do nariz. Dorme o ferido; pela manhã se achará a ferida com beijos; sinal de se haverem retirado a pele e as artérias, cada qual para seu lado: no fundo da ferida se vai juntando a aguadilha roxa; no fim de cinquenta horas o pulso será febricitante, o ferido sentirá sede; forma-se no fundo da ferida um licor novo, que chamamos *Matéria*, e em latim *pus*. É de cor de pérola, de consistência das natas; este é o *bálsamo* que a natureza gera para curar esta ferida: coberta com a côdea que se fez do sangue coalhado no *terceiro* dia, até o *quinto*, e às vezes até o sétimo, produz a natureza esta *matéria* ou bálsamo sem ajuda de remédio algum: este no fundo da ferida faz crescer as pontas das artérias e veias cortadas e encolhidas, pouco a pouco os beijos vão caindo, não há febre, sede, ca-

lor, nem dor no braço, e no nono dia fica curada a ferida, ficando à vista a cicatriz.

Curou a natureza esta ferida pela *supuração*. Do mesmo modo que sucede no braço, sucederá em qualquer parte do corpo, interna, ou externa. Incita a natureza a febre às vezes logo depois de 24 horas para formar aquele *pus* que há-de servir de falsamo para curar a chaga; feito ele, como crise, ao terceiro, ao quinto e ao sétimo muitas vezes, cessam as dores, a febre e a sede. Aquele estado das dores, da vermelhidão, da inchação, da sede, e da febre se chama *Inflamação*: neste tempo é que convêm aqueles alimentos e remedios que são *acescentes*: as urinas são então vermelhas e sem sedimento. Como a *inflamaram* acabou aqui pelo *pus* ou *supuração*; assim aquela febre acabou por um leve *suor*, e *sedimento* das urinas, que corresponde ao *pus* das artérias.

Mas suponhamos que foi uma cotilada a ferida acima, e tão penetrante que cortou a membrana adiposa, o músculo *supinator longus*, com o *extensor* do carpo, com a artéria externa *cubiti*, com os nervos que se distribuem pelos ditos músculos. Nesta ferida se observarão, poderá ser, os mais medonhos sintomas, que se observam em muitas doenças crônicas e agudas.

1. Hemorragias, que recorrerão por muitas vezes.
2. Aneurisma.
3. Dores agudíssimas.
4. Convulsões, febre, delírio.
5. Inflamação, supuração, ou gangrena.

Para curar esta ferida e estes sintomas são necessários todos os socorros da Medicina, e não bastam só aqueles dos Cirurgiões. É necessario administrar a dieta conveniente de todas as coisas *não naturais*; tais remédios que sosseguem as dores, que aplaquem as convulsões, que curem a inflamação, que corrijam a podridão. O Médico ou o Cirurgião que souber conforme os princípios da arte curar esta ferida à qual sobrevieram os referidos sintomas, saberá curar.

As Esquinências,

Os Pleurises, e Peripneumonias inflamatórias,

As Inflamações do Estômago, do Fígado, dos Rins da Bexiga e dos Intestinos,

Todas as febres inflamatórias com delírios, convulsões, hemorragias do nariz, do bote, das hemorróidas, e da bexiga.

Se naquela ferida se formar *matéria purulenta* depois do quatorzeno, *acre*, *ténue*, *podre* e corrosiva, com febre habitual, o Médico, ou Cirurgião, que souber curar este último estado desta ferida, poderá curar os abscessos internos, como são: Os empiemas,

As Supurações do Fígado, dos Intestinos, dos Rins, &c.

O discípulo que aprender a Medicina por estes aforismos, e chegar a vê-los praticar no Hospital, é certo que adquirirá não somente em breve tempo esta doutrina, mas os fundamentos mais indubitáveis, pois são fundados na natureza, expostos a simples vista, que jamais Autor algum ensinou. Ninguém até agora ensinou a Medicina por causas mais claras e fáceis, como são de conhecer as *feridas*: e o que são as febres e os males que as acompanham. Ninguém ensinou a Medicina *externa* de tal modo, que uma vez conhecida, por ela venhamos no conhecimento da *interna*. Esta é a excelência dos Aforismos de Boerhaave que prefiro a todos os livros para ensinar e aprender a Medicina prática. Estes são os fundamentos que tenho para afirmar e persuadir a Portugal, *Que todos os Médicos devam ser Cirurgiões. E que todos os Cirurgiões devam ser Médicos como foram Hipócrates, Diocles, Areteo Capadox, Galeno, Paulo Egineta, Aetio, e os mais Médicos Gregos.*

Parece-me que pelos exemplos acima adquirirá o estudante bastante luz para entender a Cirurgia que se contém desde a Secção 145 até à 36 destes Aforismos principalmente se tiver a fortuna de ouvir um Mestre douto e prático que lhos explique; não se confiando nos Comentários de Gerardo Vanswieten (ainda que sejam doutíssimos), porque esta obra poderá ser útil a quem aprendeu a Medicina, mas impedirá o entendê-la a quem principiar estudar por ela. Perderá aquela conexão, e como nos dizemos, aquele fio, onde estão enfiadas as proposições da doutrina de Boerhaave; que é o principal objecto a que deve atender todo aquele que se aplicar a compreender esta excelente doutrina.

Sec. 370. *Inflamatio.*

Considerou Boerhaave, no exterior do nosso corpo os danos que lhe causam os corpos agudos, afiados, e contundentes, movidos com violência; mostrou de que modo obrava a Natureza para curar-se: mostrou que a cura, que o Médico administrava, devia ser imitando-a. Mas agora, aumentando este conhecimento tão claramente entra a tratar das *lesões* externas do nosso corpo, mas geradas de causa interna. Esta é a *inflamação*, que nós chamamos *Fleimam*, palavra originalmente Grega, são os *abscessos* ou *supurações*, as *gangrenas*, os *cirros* e os *câncers*.

Nesta doutrina se contém toda a Ciência da Medicina. Nela se contém aquela *Catena aurea*, onde cada anel serve de inteligência a seu vizinho com quem está encadeado: este foi o maior esforço do engenheiro e da indústria humana, a meu ver, e ninguém até agora ponderou o sublime desta doutrina: porque o comum dos discípulos de Boerhaave saindo das es-

colas da Filosofia passavam a ouvi-lo, como foram Gerardo Van Swieten, Alberto Haller, João Frederico Schreiber, e milhares de ilustres Ingleses: não tendo ouvido outros Professores de Medicina, não podiam notar a excelência da doutrina deste ilustre Professor. Mas aquele que tinha estudado em outras Universidades, que tinha já praticado a Medicina, que tinha lido com aplicação e cuidado Hipócrates, muita parte de Galeno, Etmulero, Heredias, Vallesios, Sydenham, e Baglio, e. que se achava no caos da ignorância, sempre tentando às escuras de que modo conheceria, ou curaria uma doença, será aquele que saberá admirar esta doutrina de Boerhaave.

Com trabalho e aplicação Hercúlea ajuntou Boerhaave todas observações Médicas, que tratavam dos males externos procedidos de causa interna, gerados no nosso corpo: observou no que convinham, e no que discordavam aqueles sintomas; as suas causas, a sua cura: e quando tinha feito esta operação pelo raciocínio geométrico, reduziu tudo aos princípios que vamos expôr; e que farei o meu possível para dá-los a conhecer a quem quiser aprender a Medicina.

1. Suponhamos que com um ferro tão quente como água fervendo, nos escaldássemos na polpa dos dedos: sentiríamos *ardor*, *inquietação*, um leve *tumor*, e *vermelhidão*, em dois ou três dias se levantaria a epiderme tostada, e apareceria outra debaixo que produziu a natureza.

Curou por *resolução* a natureza esta *escaldadura*, que é o primeiro êxito da *inflamação* benigna.

Fatigou-se por um dia inteiro um moço caçando, não estando acostumado a este exercício; dormirá inquieto, agitado, sequioso, suará levemente pela manhã; as urinas serão de cor de laranja com névoa. Esta leve inflamação das partes mais fúteis do nosso corpo se determinou por *resolução*; quer dizer por suor, e por aquela *névoa* na urina; como na queimadura pela *deposição* da *epiderme*.

2. Quer abrir o Cirurgião, por exemplo, uma fonte no braço, ou na perna: mete um cautério no fogareiro aceso, e quando está em brasa, aplica-o com alguma força na parte disposta para a fonte. Sente-se logo dor, *ardor*; e se lhe não aplicassem manteiga e um grão de cera, e deixassem sem aparelho aquela queimadura, além da dor e *ardor* se formaria um *tumor vermelho*, *renitente*, com *calor*, *pulsação*, *febre* naquela parte ou em todo o corpo, e *sede*. No quinto dia cairia a queimadura, ou secara, apareceria a *matéria*, que chamamos em latim *pus*: e este é o segundo êxito da inflamação, chamado *supuração*.

O fogo aqui era mais intenso do que na *escaldadura*, queimou a *pele*, inflamou a *membrana adiposa*. Conhecido o que sucedeu na pele, compreenderemos

o que se faz dentro do corpo. Depois de violentos exercícios adocece um homem moço de uma febre contínua benigna com *sede*, dor de cabeça, língua da cor amarela desmaiada, urinas vermelhas, e grossas, respiração alta, o pulso frequente, e cheio: termina-se esta febre por um suor universal no sétimo dia, com sedimento quase purulento nas urinas, e alguns escarros: terminou-se esta febre por suores abundantes, e sedimento purulento (que é o *pus* das artérias), como no tumor ou queimadura, pela *supuração*.

Mas os violentos pleurises, que são inflamações dos músculos intercostais e da pleura, terminam-se muitas vezes em *supuração*, êxito também das febres internas.

3. Mas o terceiro êxito da inflamação é a *Gangrena*: e para que se compreenda a sua natureza e os seus efeitos, aqui os daremos a conhecer pelo exemplo seguinte.

Suponhamos que caiu em cima da parte mais carnosa da perna uma porção de *chumbo* derretido na sua maior fluidez: num instante se formará naquela parte uma violentíssima *inflamação*; e quase no mesmo tempo uma *gangrena*, que é a morte da parte vivente. A cor da pele vira negra, converterse em côdeas, ou couros queimados; as carnes consumidas, sem sentimento, virão moles, cadaverosas; o licor que distilar das gretas será acre, corrosivo, e de cheiro insuportável. A História Médica nos ensina que houve *Pestes* que matavam em poucas horas; atordoavam-se os tocados delas; apareciam-lhe pintas roxas no peito, e morriam em poucas horas, falando, e passeando: morriam por uma *gangrena* do sangue, gerada em tão poucas horas.

Mas a *Gangrena* gerada por causa interna, *êxito terceiro* da inflamação veementíssima, com *sede*, *ardor*, *dores* de cabeça, urinas vermelhas e crassas, mostra-se na superfície do corpo pelas bexigas cheias de *soro acre*, *avermelhado*, que vem a converter-se em cor negra; e à parte onde brotou perde-se o *sentimento* dela, a *pulsação*, *tumor*, e fica quase morta.

Se esta mesma *gangrena* se estende até o periosteio, e este se gangrenar, então se forma o sfacelo que é a morte do *periosteio*, dos *tendões* e dos ossos cobertos com eles.

4. O quarto êxito da *inflamação* é o *Cirro*. Se uma glândula, v. g. a *Parotis*, ou a *inguinal*, se inflamar violentamente, e que pela natureza do humor *inflammatoryo*, ou pela errada cura do Médico, não se terminar esta *inflamação* em *supuração*, nem em *gangrena*, então se terminará necessariamente em *Cirro*: que é um *tumor duro indolente* da mesma glândula; e vem a ser o *quarto* êxito da inflamação.

Este *Cirro* formado poderá converter-se em câncer, ou pelo vício de todos os humores do corpo, ou

por ser irritado pela errada cura, ou por qualquer outro semelhante incidente.

É da maior importância que o Estudante fique capacitado na conexão desta *catena aurea*:

A Inflamação ou se termina pela *Resolução* ou pela *Supuração*.

Uma inflamação violentíssima, se não terminar por aqueles dois referidos êxitos terminará pela *Podridão* ou *Gangrena*.

Uma Glândula, ou parte glandulosa inflamada, se se não terminar pelos três êxitos acima, necessariamente será o seu em *Cirro*.

Entendendo-se esta doutrina, fica o entendimento ilustrado para conhecer as febres inflamatórias, e os males que resultaram delas. Instruído a conhecer pelos seus sinais uma *inflamação*, instruído nas suas causas, como também na sua cura, poderá conhecer (sabendo a Anatomia, e o seu uso) as inflamações seguintes:

- Febres contínuas podres.
- -ardentes.
- Frenesis procedidos da inflamação das meninges.
- Esquinências inflamatórias.
- Peripneumonias inflamatórias.
- Pleurizes legítimos.
- Hepatites.
- Nefrites.

Como o *segundo êxito* destas inflamações ordinariamente é a *supuração*, e nos aforismos se tratam as suas causas, sinais e cura, ficará instruído para conhecer e curar.

Os Abscessos dos ouvidos, da garganta.

Os Enfisemas, ou supurações do bofe, e das mais partes do peito.

Os Abscessos do Fígado, dos Rins, da Bexiga, dos Intestinos, &c.

E como muitas das inflamações acima, ocupando partes glandulosas, V.g. da Garganta, do Bofe, do Estômago, do Fígado, Baço, Intestinos, se terminam em cirros, pela má cura muitas vezes nestas febres, desta origem vêm tantos males crônicos, reliquias dos agudos, que procedem daquelas partes inflamadas, que nem se terminaram por *Resolução*, *Supuração*, *Gangrena*, ou *Podridão*, mas somente em *Cirro*.

Todas as doenças referidas acima estão tratadas nestes *aforismos*, que consultarão os que os quiserem entender; o que lhes será muito fácil se tiverem compreendido o que acabamos de relatar.

Tenho mostrado de que modo está composta esta obra, que proponho para ensinar-se por ela a Medicina: seria afectação supérflua continuar o mesmo trabalho nas Febres que começam na sec. 558, e no resto das doenças agudas e crônicas quando a sua inteligência depende do referido.

Objecções contra os defeitos dos Aforismos de Boerhaave

Acharam muitos Médicos que nestes Aforismos faltavam aqueles *males* que procedem do *soro do sangue*, e da *linfa*; como também aqueles da sua podridão, origem das febres *exantemáticas*, *nervosas*, e outras que o vulgo chama malignas. Acusaram a referida obra que não tratara das queixas convulsivas, nem dos males hipocondríacos, nem dos histéricos, como também daqueles dos nervos, ou *morbi mentis*. Escreveu o Doutor Mead Ingles a Boerhaave que lhe tinha feito presente deste livro, que achara nele aquele Capítulo do *Escorbuto* com tanta variedade de sinais e sintomas, que parecia que todos os achaques do corpo humano se reduziam a esta doença.

Todas estas objecções são verdadeiras e bem fundadas: mas nem Boerhaave fica condenado, nem os seus *Aforismos* devem merecer menor estimação. O intento do Autor na sua composição foi dar um sistema da Medicina, ligado de tal modo que dos princípios gerais demonstrados, se pudessem coligir e entender todos os males particulares. Somente tratando dos *sólidos* e dos *licores* do nosso corpo, das *Feridas*, da *Inflamação*, e dos seus *quatro êxitos*, podia satisfazer a tão elevados intentos. Os *males inflamatórios* de que trata, são somente os do sangue, porque deles tinha estabelecido a teoria no Capítulo da *inflamação*: a maior parte dos males Crônicos de que trata tem na sua doutrina os fundamentos. Assim que Boerhaave não determinou tratar daquelas febres que não são da natureza inflamatória. E é o que seu discípulo e comentador Van Swieten devia advertir no seu comentário. Devia acrescentar nele a doutrina dos seus ilustres condiscípulos, João *Huxham*, e João *Pringle*, aquele no seu tratado das *Febres* em Inglês, e este no seu tratado das *Enfermidades* dos *Exércitos*, nos quais tratam daquelas febres originadas do soro, da linfa podres, e da sua cura: doutrina necessária, e que sem ela ninguém poderá praticar hoje a Medicina com acerto.

Boerhaave para suprir esta falta cada ano ensinava em certos dias no auditório público da Universidade matérias da prática da Medicina totalmente separadas dos seus Aforismos. Assim que depois do ano 1715, começou a ler publicamente *de Morbis sen-*

suum. Publicou-se desta obra uma pequena parte, que é de *Morbis oculorum* mas com infinitos erros. Eu possuo uma cópia do Original. Ensinou também do modo referido de *Lue Venerea*, do qual ainda ouvi algumas lições no ano 1730: alguns dos seus discípulos publicaram este tratado, mas com infinitos erros e faltas. No ano 1731, começou a ler de *Morbis nervorum*, doutrina excelente e desconhecida na Medicina; e com suma utilidade publicou esta obra em Leyde Mr Ems Médico Hollandês em 2 vol. em 8, 1761.

No ano 1736, começou a ler de *Morbis cordis*, que nunca se publicou: eu possuo uma cópia do Original. E as últimas lições que ensinou publicamente foram de *sanguine*; que ficaram incompletas pela sua prematurada morte.

Assim que o Lente de Medicina que ensinar e explicar estes Aforismos suprirá estes defeitos como Boerhaave os sabia compensar: sabendo a Língua Inglesa, língua hoje tão necessária para saber a Física e a Medicina, poderá dos Livros, que estão escritos nela destas ciências, tirar estes socorros, muito melhor que dos comentários de Van Switen defeituosos nestas particularidades: sem conhecer as *transacções* Filosóficas, os *Actos* de Medicina de *Edimburgo*, as obras de *Huxham*, *Pringle* e *Lewis*, e outros muitos, ou discípulos de Boerhaave, ou que ilustraram a sua doutrina, não será possível satisfazer a obrigação de Lente de Medicina dos Aforismos de Boerhaave.

Ao tratado acima de *Morbis nervorum* poderá juntar o Lente para seu uso o tratado seguinte "Cornel. Alb. Kloekhoff M. D. de *Morbis animi ab infirmato tenore medullæ cerebri Dessertatio. Trajecti ad Rhen* 1753, 8.º: não porque a doutrina seja superior, mas pela ordem com que estão dispostas todas estas queixas, denominadas até agora por este nome vago de males hipocôndríacos e histéricos.

Poderá ser que a posteridade louvará o desejo que me animou neste trabalho, em que insisti que os Aforismos de que tratei devem ser o ensino da Medicina Prática na Universidade que proporei.

Do Estudo da Botânica, Matéria Médica e Farmácia

A História Natural compreende o conhecimento, e o uso dos três reinos chamados *Vegetal*, *Animal*, e *Mineral*: Nos Reinos onde florescem as Ciências, os seus Governos têm tomado a providência de estabelecerem repositórios, ou armazéns de partículas destes três reinos da dita História, com Mestres e Guardas para conservarem e mostrarem o que está confiado ao seu cuidado a todos aqueles que se querem

instruir nesta ciência. Em Londres por ordem do Estado se vê estabelecido o Gabinete que foi de Sir Hans-Sloane: em Paris aquele do Jardim Real; em Copenhagen e nas mais Cortes de Alemanha, sendo o principal o de S. Majestade Imperial, Francisco Primeiro.

Todas as Ciências, e todas as Artes necessitam do conhecimento da História Natural; nela se contém os materiais de todas elas. Como o objecto da Química Universal, é de indagar as íntimas propriedades dos tres reinos assim mencionados, assim a História Natural tem por último fim conhecer todos os produtos da Terra, do Mar, e do Ar, e guardar deles certas partes ou o total, para vir no seu conhecimento. O melhor sistema que se deu até agora desta Ciência é o de *Carolus Linnæus*, com este título: *Systema Naturæ. Stocholm*, 1760, 8.º. Desta obra há muitas edições impressas, em várias cidades da Europa; mas a que aqui apontamos é a mais completa e bem dirigida.

Na História natural está incluída a *Botânica* que é a Ciência de conhecer e conservar as Plantas. Dela haverá um *Lente* que poderá ser o mesmo que ensinará a *Química* no inverno, com um ou dois Leitores. Seria não conhecer os princípios desta Ciência, determinar aqui o sistema que se devia seguir para ensiná-lo. Que se propusesse aquele de *Tournefort*, de *Ray*, de *Rivinus*, de *Boerhaave*, de *Van Royen*, ou de *Linnæus*, seria inútil; porque o Lente de Medicina ensinaria aquele que achasse mais conveniente, e o que melhor se enquadraria com os seus conhecimentos. Deste modo não insistirei mais do que persuadir que para este ensino consultasse o Lente Alberto Haller no comentário ao livro de *Studio Medico* de Boerhaave, onde acharia a instrução mais completa nesta matéria.

Tenho de advertir que ainda que a *Botânica* não seja essencialmente necessária para saber e praticar a Medicina, contudo seria útil que todos os que estudarem esta Ciência fossem instruídos nela; porque terão ocasião muitas vezes do seu conhecimento. Sucede às vezes que um Médico é empregado numa Ilha ou Colónia, onde não acha remédios numa Botica; necessita conhecer aquelas plantas, frutos, terras, sais, e Minerais, que poderão servir-lhe de remédios; por essa razão, e pelo que a experiência me ensinou, na minha vida tão variada, como Médico, acho que seria utilíssimo que todos os que aprendessem a Medicina estudassem esta parte da Filosofia Médica.

O estudo da *Matéria Médica* é essencialmente necessário a todo o Médico: é aquele estudo das virtudes e preparações das *Raízes*, das *Folhas*, *Flores*, *Frutos*, *Bagas*, *Cascas*, *Resinas*, *Bálsamos*, como também das partes de *certos animais*; do mesmo modo dos *Minerais*, que se usam na Medicina.

Os Lentes que ensinarão esta doutrina com utilidade dos seus discípulos usarão do método seguinte. Ensinavam por todo o ano esta Ciência: no Inverno mostravam as raízes, as cascas, os bálsamos, as gomas, e as sementes, aos discípulos, explicando-lhes ali diante as virtudes Médicas, e o modo de usar delas. No Verão quando ensinavam a Botânica explicavam as plantas, e as árvores, das quais tinham já ensinado as virtudes das suas raízes, flores, ou frutos, &c. deste modo a vista ensinavam esta matéria completamente. É o que propusemos na tabuada acima, considerando que o mesmo Lente da *Química* seria o mesmo que ensinaria a *Botânica*, a *Matéria Médica* e a *Farmácia*.

Puderia aqui nomear alguns Autores que trataram das virtudes Médicas das Plantas começando por *Dioscorides*; com maior Ciência e utilidade se poderá ver o que Alberto Haller escreveu no seu comentário, tantas vezes citado ao tratado de *Studio Medico*. O que posso aconselhar nesta matéria é o livro seguinte, tanto para o estudo da *Matéria Médica*, como da *Farmácia*. "The New dispensatory containing a full translation of the London and Edimburg Pharmacopoeias; intended as correction, and improvement, of Quincy, by M. Lewis M. B. F. R. S. London, printed for J. Nourse 1753 8.^o").

Neste livro se verá o mais certo e o mais douto que se tem escrito na *Matéria Médica*, e o que se tem escrito e ensinado na Escola de Leyde nesta matéria: pelo que seria necessário que todos os Lentes e Leitores que ensinassem nesta cadeira soubessem a língua Inglesa para se aproveitarem dos livros que nesta parte da Medicina se tem escrito com superioridade a todas as mais Nações. E como me persuado que irão Portugueses a aprender a Edimburgo a Medicina, não necessito de inculcar com maior demonstração a necessidade de saber a referida língua.

Continua a mesma Matéria

Tão admirados ficarão os Médicos Portugueses que sejam obrigados todos os que estudarem a Medicina serem juntamente Cirurgiões, como que sejam ao mesmo tempo instruídos na Farmácia prática, como um Boticário com botica aberta. Pois é o que agora proponho, e que neste estudo sejam ainda muito mais práticos do que na Química: que aprendam a fazer xaropes, emplastos, unguentos, pirolas, e eleituários, e todas as mais preparações da Farmácia. Gerardo Van Sweten hoje Físico-Mor de suas Majestades Imperiais se deve glorificar que ele foi o que neste século ressuscitou a Farmácia, e que mostrou a necessidade que tinham todos os Médicos serem Boticários perfeitos. No mesmo tempo que ouvia as

lições de Boerhaave assistia numa Botica em Leyde: ali aprendeu esta arte com superioridade, porque ao mesmo tempo ia ouvir as lições da Química, e da Medicina. Formou-se, e com permissão que Boerhaave lhe alcançou do Senado Académico, ensinava em sua casa (não como Lente) a Matéria Médica e a Farmácia, a quem ouvi algumas lições nos anos 1730 e 1731. Neste estudo se applicaram muitos Ingleses e Escoceses, e voltando para as suas pátrias, incorporados já nos Colégios de Londres e de Edimburgo compuseram aquelas célebres e mais bem escritas Farmacopéias que apareceram até agora na Europa para o bem do género humano, ensinando ao mesmo tempo a necessidade que têm todos os Médicos de aprenderem praticamente a Farmácia.

Do referido se vê claramente que o Lente de Botânica ensinará Farmácia seguindo a Farmacopéia de Londres, ou a de Edimburgo, fazendo as operações desta arte como as fez com a Química, e no mesmo laboratório. E como espero, que nenhum Lente entrará a ensinar nesta cadeira sem ter aprendido em Inglaterra por dois ou três anos, depois de haver estado em Leyde outro tanto tempo, não necessito de entrar em maiores particularidades.

Do Estudo das Instituições de Medicina de Boerhaave

Parecerá impropriedade que só no último capítulo desta obra determinasse tratar do Estudo das Instituições da Medicina, quando devem ter lugar no princípio do seu ensino. Não tratamos aqui da ordem que devem ter entre si as partes da Medicina: trata-se aqui somente de que modo se hão-de ensinar, e aprender; e como na tábua acima propusemos que o mesmo Lente de *Anatomia* a devia ensinar no Inverno até os fins de Fevereiro, ou Março, como esta Ciência deve preceder às instituições da Medicina, ficava indispensável que o seu ensino ficasse somente para os meses desde *Março* até *Agosto*, ou *Setembro*, conforme temos proposto nos *Apontamentos* para formar uma Universidade Real.

Os que aprenderam Anatomia com bons Mestres, como são ainda Bernardo Siegfried *Albinus* em Leyde, Alberto Haller e Morgagni, sabem que no mesmo tempo que se ensina esta Ciência se ensina a Fisiologia e a Patologia, que vem a ser a Filosofia do corpo humano são e enfermo.

Desta Filosofia é que indicaremos o seu ensino; e quão congruente seria que o mesmo Lente que ensinasse a Anatomia e a Cirurgia, ensinasse no tempo determinado na tábua acima as instituições da Medi-

cina. O Livro que devia explicar aos seus discípulos duas horas por dia desde o mês de Março, devia ser:

Institutiones Medicæ in usus annuæ exercitationis domesticos digestæ ab Hermanno Boerhaave Editio quinta, Lugduni Batavorum 1734.

Esta edição deve ser preferida, mesmo às antecedentes de Leyde por ser aumentada; e todas as mais de Paris, Turim, e Veneza são cheias de erros.

Como o Lente de Anatomia teria a maior parte das partes do corpo humano preparadas com *injecções, secas*, embalsamadas, e em outras preparações que souberam fazer Ruysch, e o grande *Albinus*, quando explicar as ditas *Instituições* de Boerhaave, poderia mostrar estas partes assim preparadas ao seu auditório, ao mesmo tempo que lhe ensinava o seu uso. Quando explicasse, por exemplo, aquele capítulo *Actio ventriculi in ingesta*, começaria primeiro a mostrar-lhe as várias preparações deste órgão, para se verem nele as artérias, os nervos, as túnicas, a sua forma, e conexão com as partes vizinhas do corpo. Tendo já no Inverno aprendido o estudante a Química Médica, e a Anatomia nos cadáveres, compreendia facilmente tudo aquilo que o Lente lhe ensinasse desta principal parte do corpo humano.

Tudo o que Bernardo *Albinus*, e Alberto *Haller* seu discípulo tem escrito de Anatomia e de Fisiologia será indispensável que lhe seja conhecido pello estudo e experiência ao Professor desta Cadeira: porque só nas obras destes dois ilustres Mestres se acham os socorros mais excelentes para possuir esta doutrina.

Nas Universidades onde os estudantes não aprendem a Medicina prática nos Hospitais, raras vezes se aplicam à *Patologia*, porque não vendo necessidade de entendê-la, todos ordinariamente se aplicam à teoria da Medicina como se nela se incluísse toda esta ciência. Mas como na Universidade que propomos haverá um Hospital para aprender a prática, não devemos recear que os estudantes desprezem a *Patologia*, a *Semiótica*, a *Higiene* e a *Terapêutica*, que são a segunda parte das instituições Médicas de Boerhaave, o melhor compêndio, e o mais bem ordenado de toda a Medicina Filosófica do corpo enfermo, pelo que tem, e deve sempre ter a preferência as mais Patologias conhecidas; deixando somente aos Lentes conhecê-las e estudá-las para ilustrarem a referida, que hã-de explicar aos seus ouvintes.

Satisfiz quanto me foi possível à clementíssima ordem de sua Majestade que Deus guarde, escrevendo o que até agora alcancei do melhor método de ensinar e de aprender a Medicina. Se contra os mais fiéis intentos que me animaram neste trabalho, se acharem faltas, e que me acusem de Quimérico, deve-se lamentar a minha sorte, que por trinta e nove anos

empregados a estudar a Medicina em cinco Universidades, e a praticá-la como vice Presidente de um Tribunal Médico, como Médico da Escola Militar da Nobreza de Rússia, e ultimamente de três Monarcas do mesmo Império, não aprendi nem alcancei o que podia satisfazer as ordens de sua Majestade que tanto do intimo da minha alma quisera, e quero executar. É verdade que receio que este método vá escrito com imperfeições; pelo que tenho assentado comigo de corrigi-las, e ainda mesmo, em quanto viver, aumentar aqueles conhecimentos que o façam mais útil, e mais efectivo.

Todo o meu desvelo no que acabo de escrever foi buscar e indagar as sementes mais puras e mais vigorosas da Medicina para se transplantarem em Portugal: se o terreno estiver disposto e preparado, e que o Legislador conservador desta Universidade souber como os Jardineiros preparar a terra, arrancando os troncos podres, e as plantas venenosas que impediram a vegetação das ciências, estou firmemente persuadido, que darão flores e frutos, que recrearão e sustentarão um Reino a quem tanto amo, como devo.

Paris 26 de Março 1761.